

TELMA PANTANO (ORG.)

GIOVANA ORSI

ALISON MORRONI

(ORG.) CRISTIANA ROCCA

LÍVIA DE CASTRO ROCHA

REJANE LOBO ANTUNES SMITH

Habilidades socioemocionais a partir de histórias infantis

Direção editorial Maristela Petrili de Almeida Leite
Coordenação de edição de texto Marília Mendes
Edição e preparação de texto Lisabeth Bansi
Assistência editorial Patrícia Capano Sanchez, Ana Caroline Eden, Thiago Teixeira Lopes
Coordenação de edição de arte Camila Fiorenza
Projeto gráfico, ilustrações e diagramação Michele Figueredo
Capa Isabela Jordani
Coordenação de revisão Elaine C. del Nero
Revisão Luciana Garcia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Habilidades socioemocionais a partir de histórias infantis / Giovana Orsi... [et al.]; Telma Pantano e Cristiana Castanho de Almeida Rocca, (organização). – São Paulo: Moderna, 2020.

Outros autores: Livia de Castro Rocha, Alison Vanessa Morroni Amaral, Rejane Lobo Antunes Smith
Bibliografia.

ISBN 978-65-5779-250-6

1. Adolescentes – Desenvolvimento 2. Crianças – Desenvolvimento
3. Emoções 4. Família 5. Histórias infantis I. Orsi, Giovana. II. Rocha, Livia de Castro. III. Amaral, Alison Vanessa Morroni. IV. Smith, Rejane Lobo Antunes. V. Pantano, Telma. VI. Rocca, Cristiana Castanho de Almeida.

20-38832

CDD-370.152

Índices para catálogo sistemático:

1. Histórias infantins : Habilidades socioemocionais :
Psicologia educacional 370.152
Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.
Todos os direitos reservados

EDITORA MODERNA LTDA.

Rua Padre Adelino, 758 – Belenzinho
São Paulo – SP – Brasil – CEP 03303-904
Vendas e atendimento: Tel. (11) 2790-1300
www.modernaliteratura.com.br
2020



TELMA PANTANO (ORG.)

GIOVANA ORSI

ALISON MORRONI

(ORG.) CRISTIANA ROCCA

LÍVIA DE CASTRO ROCHA

REJANE LOBO ANTUNES SMITH



Habilidades socioemocionais a partir de histórias infantis

1ª EDIÇÃO

2020

 SALAMANDRA

 MODERNA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, 6

O papel da família no desenvolvimento emocional dos filhos, 6

A participação da escola no desenvolvimento emocional de crianças e adolescentes, 7

Desenvolvimento das habilidades socioemocionais, 10

Histórias infantis como auxiliares no trabalho com crianças, 11

ESTRUTURA DAS SESSÕES, 13

DESCRIÇÃO DAS SESSÕES, 16

1ª sessão: *Quem tem medo do novo?* (Ruth Rocha), 16

2ª sessão: *Pai cabide* (Ilán Brenman), 21

3ª sessão: *Vazio* (Anna Llenas), 26

4ª sessão: *A carta de Hugo* (Tom Percival), 32

5ª sessão: *Cocô de passarinho* (Eva Furnari), 35

6ª sessão: *A lagartixa que virou jacaré* (Izomar Camargo Guilherme), 38

7ª sessão: *Tartufo* (Eva Furnari), 42

8ª sessão: *O último golpe de Alvinho* (Ruth Rocha), 46

9ª sessão: *Marilu* (Eva Furnari), 50

10ª sessão: *Nicolau tinha uma ideia* (Ruth Rocha), 56

11ª sessão: *As coisas que a gente fala* (Ruth Rocha), 60

12ª sessão: *A primavera da lagarta* (Ruth Rocha), 64

SUGESTÕES DE OUTROS LIVROS E NOVAS TEMÁTICAS, 67

CONCLUSÃO, 91

ANEXO, 92

BIBLIOGRAFIA, 101

BIOGRAFIAS, 103

INTRODUÇÃO

O livro *Habilidades socioemocionais a partir de histórias infantis* é o resultado da experiência clínica de um longo trabalho desenvolvido com famílias, crianças e adolescentes no Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo. Este trabalho consiste em doze sessões divididas em três meses, sendo uma sessão por semana, e tem por objetivo auxiliar crianças, adolescentes e suas famílias a buscar novas formas de se relacionar e de aprender a lidar com suas emoções.

Acredita-se que esse instrumento de intervenção idealizado e desenvolvido por Cristiana Rocca e Telma Pantano, ativas em saúde mental há mais de 25 anos, e continuado por uma equipe multiprofissional, pode ser usado por profissionais que atuam no trabalho com famílias, crianças e adolescentes, tanto no contexto educacional como no de saúde mental.

As habilidades socioemocionais, como propostas neste livro, oferecem metáforas que podem ser retiradas das histórias infantis e as emprega enquanto mediadoras. Torna-se necessário conversar sobre comportamentos e expressão de emoções, uma vez que, pelas metáforas trazidas pelas histórias, professores, pais e outros responsáveis podem ajudar no reconhecimento e na discriminação das emoções, aspectos estes que contribuem para o desenvolvimento de uma melhor regulação emocional (Melo, 2005).

O PAPEL DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DOS FILHOS

Compreende-se a família como estrutura na qual o indivíduo apreende as primeiras relações com o ambiente. É no meio familiar que começamos a nos diferenciar, aprendendo quem é o outro e quem somos nós, a partir das vivências que geram sentimentos, emoções, sensações e percepções. Assim, as primeiras experiências de dor, medo, alegria, prazer, angústia, tristeza, enfrentamentos e superações acontecem no ambiente familiar.

De acordo com Silva *et al* (2017), a família pode ser entendida como uma unidade que propicia saúde e/ou doença, sendo assim a base para o

desenvolvimento humano. As relações estabelecidas entre os membros de um grupo familiar são imprescindíveis para o avanço físico, cognitivo, psicológico e socioemocional do indivíduo. É sempre a família que é mobilizada quando a criança, o adolescente e até o adulto apresenta algum problema de saúde, escolar ou precisa de ajuda, “cada membro sendo afetado por todos os outros” (p. 286).

Quando se descobre que a criança ou o adolescente possui algum tipo de obstáculo para o seu pleno desenvolvimento, ocorre uma desestruturação na dinâmica do grupo no qual está inserido (assim como em sua relação com as demais pessoas de seu convívio social), existindo a necessidade da busca por ajuda profissional a fim de lidar com essa demanda (Silva et al., 2017).

A PARTICIPAÇÃO DA ESCOLA NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

A percepção sobre as dificuldades no desenvolvimento infantil, em muitos casos, advém de profissionais da educação, como professores, coordenadores, diretores, psicólogos, pedagogos, entre outros, visto que a maior parte do tempo de evolução dos sujeitos ocorre em âmbito escolar.

Sendo assim, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017, p. 8) definiu dez competências gerais que devem ser desenvolvidas e focadas ao longo da educação básica, as quais vão dos conhecimentos lógico-formais à estimulação de habilidades socioemocionais.

COMPETÊNCIAS GERAIS

Base Nacional Comum Curricular



crédito arte: Regiany Silva/Povir

COM O PROPÓSITO DE:

Contribuir para a construção de uma sociedade mais ética, democrática, responsável, inclusiva, sustentável e solidária, que respeite e promova a diversidade e os direitos humanos, sem preconceitos de qualquer natureza.



Infográfico elaborado a partir de leitura crítica da BNCC realizada por Anna Penido, diretora do Inspirare e integrante do Movimento pela Base. Os textos foram retirados do documento oficial do MEC, mas alguns trechos foram abreviados ou reorganizados para garantir maior compreensão à leitura.

O papel da escola, e, essencialmente, dos educadores modificou-se e evoluiu muito ao longo dos anos, sendo influenciado por transformações culturais, econômicas, sociais e políticas, o que abarca as condições de saúde mental em cada um desses âmbitos.

Essas transformações ocorreram de forma gradativa, e foram adaptadas a novas maneiras de se relacionar, de perceber, de apreender e de se expressar no ambiente. Muitas mudanças ocorreram tanto no Brasil como em outros países quanto à forma de entendermos as necessidades das crianças e dos adolescentes em relação ao aprendizado formal. Contudo, em pleno século 21, nos deparamos com uma crise mundial que trouxe mudanças abruptas, com as quais a sociedade moderna não teve contato previamente. A pandemia do Covid-19 trouxe, como uma de suas consequências, a necessidade de distanciamento social, obrigando as crianças e os adolescentes a se afastarem do ambiente escolar e a se confinarem em casa, passando a vivenciar um ambiente familiar nunca antes experimentado, pois previamente permaneciam boa parte do dia em contexto escolar.

A família passou a ter contato com conteúdo escolar via internet, mas essa é uma experiência muito nova e que demanda uma compreensão de processos educativos com os quais os pais não foram antecipadamente preparados para lidar. Assim, surgem as dificuldades para ajudar os filhos, as quais são apenas mais uma demanda no cenário mundial atual, o qual suscita circunstâncias emocionalmente estressoras a toda a população.

Esse momento de grandes e repentinas mudanças leva a questionamentos sobre o papel da educação, da escola, da família e dos profissionais que estão envolvidos no processo de aprendizagem.

A pandemia pode acarretar prejuízos importantes para esse processo, visto que nos deparamos com situações inusitadas que podem influenciar diretamente áreas relacionadas ao desenvolvimento cognitivo (atenção, memória, funcionamento executivo, linguagem) e socioemocional (expressão e regulação emocionais). É possível que, nesse novo contexto, todos precisemos nos conhecer novamente, pois muitas emoções e sentimentos poderão ser mobilizados no período pós-pandemia.

No que compete aos profissionais da educação, é necessário preparo para receberem novamente as crianças e os adolescentes que ficaram em isolamento. Provavelmente, alguns grupos precisarão de maior acolhimento quanto às suas condições emocionais, assim como há a necessidade de se fazer uso de estratégias para mediar possíveis conflitos socioemocionais, ajudando-os a se reorganizar. Os profissionais precisam se reinventar e ser criativos em sua prática, atraindo essas crianças e esses adolescentes para um momento de aprendizado que vai além da sala de aula, quadro e giz, e transcende um universo de curiosidade, de pesquisa, de compartilhamento de experiências, emoções e sentimentos, aprendendo com tudo isso a respeitar as diferenças e a ter empatia.

Na proposta apresentada por este livro, perguntas como “do que vocês têm medo?” ou “quem os ajudou quando tiveram medo?”, ao mesmo tempo em que ensinam as crianças e os adolescentes a falar sobre seus sentimentos, promovem uma atenção positiva, valorização e respeito para com eles, contribuindo para o desenvolvimento socioemocional (Conte e Brandão, 2007). Além disso, não basta falar sobre sentimentos e emoções: é preciso saber como falar, acolhendo medos, receios e expectativas.

As histórias infantis ajudam a ampliar esse repertório e, no espaço da escola, há o profissional como um forte agente mediador do fortalecimento das capacidades de crianças, adolescentes e até mesmo de seus pais de expressar emoções e sentimentos, de forma mais natural e consistente, enfatizando que não podemos nos culpar ou evitar nossos sentimentos, mas podemos, sim, aprender formas de lidar com eles.

DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS

O desenvolvimento infantil envolve a aquisição de competências cognitivas, sociais e emocionais, além do pleno crescimento de seu aparato fisiológico, o corpo, o qual, desenvolvendo-se de forma saudável, é base para a plena evolução de tais competências (Carvalho et al, 2016; Levav, 2005).

As habilidades socioemocionais progredem desde o primeiro contato do bebê com seu meio externo (Abed, 2014; Gondim et al, 2014; Damasio, 2009; Carvalho et al, 2016) e são imprescindíveis para a aquisição de diversas

funcionalidades biológicas, mentais e sociais. O progresso dessas habilidades depende, certamente, do aparato físico e, também, das relações estabelecidas entre o sujeito e os demais indivíduos presentes em seu meio, como pais, cuidadores, educadores, pares, outros adultos e sociedade. Sendo assim, o âmbito socioemocional envolve, diretamente, funções cognitivas, sociais, emocionais e éticas (Carvalho et al, 2016; Abed, 2014).

Existem características fundamentais dessas habilidades a serem desdobradas para o sucesso do desenvolvimento da criança e do adolescente: o reconhecimento das próprias emoções, bem como o aprendizado em lidar com elas; o reconhecimento das emoções do outro e o aprendizado em respeitá-las; a autorregulação emocional (manejo); a autoestima; a autoconfiança e a responsabilidade (de acordo com seus papéis dentro da sociedade e da faixa etária). Abarca ainda o aprendizado de conceitos éticos, sobre como viver dentro de um grupo de forma harmônica, comunicar-se de maneira assertiva, resolver conflitos, planejar e tomar decisões. Enfim, uma miríade de aspectos importantes que são interligados e se inter-relacionam (Damasio, 2009; Lezak et al, 2012).

No momento em que crianças e adolescentes passam a reconhecer suas próprias emoções e a perceber que as outras pessoas também as possuem, surge a questão: como lidar com o fato de que, em muitos momentos, não é possível controlar as emoções e, acima de tudo, expressá-las da maneira que são sentidas, em qualquer contexto e ambiente ou para qualquer pessoa?

Quando crianças e adolescentes se comportam de forma disruptiva, o desafio dos adultos é auxiliá-los a traduzir seus sentimentos e necessidades. Dessa forma, destaca-se aqui a importância dos papéis a serem desdobrados pela família e pela escola no desenvolvimento infantil e, principalmente, quando este se volta para as competências socioemocionais, visto que fazem parte de como esses sujeitos se relacionam consigo mesmos, com os outros, com os conhecimentos e com as decisões que podem fazer ao longo de sua vida, com suas responsabilidades cotidianas e com o mundo em que vivem.

HISTÓRIAS INFANTIS COMO AUXILIARES NO TRABALHO COM CRIANÇAS

A estimulação das habilidades socioemocionais pode ser realizada por meio das metáforas retiradas de histórias infantis, as quais se tornam media-

doras para o diálogo e a expressão das dificuldades comportamentais e emocionais que surgem em situação de fragilidade emocional (Braga et al, 2015).

O uso das metáforas que surgem dos conteúdos das histórias favorece uma linguagem compreensível. O enredo e as falas, bem como as expressões dos personagens, estimulam na criança várias capacidades cognitivas, como atenção, memória e componentes do funcionamento executivo, bem como aspectos da cognição social, em particular da empatia (Vasconcelos, 2018).

O estudo realizado por Braga *et al* (2015) verificou a eficácia do uso de histórias infantis como mediadoras da equipe de enfermagem na escuta dos seus pacientes, visto que os assuntos abordados propiciaram reconhecer a visão que as próprias crianças tinham de si mesmas, como se relacionavam e como aprendiam recursos da área da saúde mental. Os temas abordados foram: depressão, déficits atencionais, hiperatividade e dificuldades em se relacionar. A metodologia envolveu pesquisa qualitativa exploratório-descritiva. Foram realizados dois encontros com crianças entre seis e dez anos de idade. O método proposto envolveu a contação de histórias e a técnica de grupo operativo. O resultado se mostrou positivo, no sentido de que, por meio da mediação das histórias, foi possível promover a educação em saúde mental.

Assim, o uso das histórias infantis no contexto de estimulação, além de propiciar, de uma forma lúdica, o autoconhecimento, permite um diálogo de forma assertiva, o qual, anteriormente, encontrava-se prejudicado ou era inexistente (Braga et al, 2015).

Além disso, a leitura ou a escuta de histórias estimula novas sinapses cerebrais e reforça caminhos previamente traçados pelos neurônios, fixando novos aprendizados (Rueda e Paz-Alonso, 2013; Santos et al, 2017).

O trabalho descrito neste livro propõe que, ao longo das sessões de estimulação, uma ou mais metáforas de uma mesma história possam ser desenvolvidas em conjunto com atividades lúdicas, como dramatização das histórias apresentadas, desenhos a partir de suas expressões emocionais, entre outras. As atividades trabalhadas pelos profissionais servirão como mediadoras do processo de estimulação das habilidades socioemocionais.

ESTRUTURA DAS SESSÕES

As sessões seguem as seguintes etapas:

- **Leitura do livro que aborda a temática sugerida.**
- **Análise e reflexão da história por meio da identificação e da contextualização dos personagens, em que as metáforas e os questionamentos podem ser amplamente trabalhados em grupos por meio de discussões ou atividades realizadas em sala de aula.**

O público-alvo envolve grupos de crianças e adolescentes que estão na etapa de desenvolvimento, podendo incluir seus pais ou cuidadores, o que depende da estruturação de cada trabalho.

INSTRUÇÕES DA APLICAÇÃO PARA OS FACILITADORES

- **É importante que o profissional faça uma leitura prévia do livro a ser trabalhado.**
- **Orientação inicial a ser fornecida a cada sessão:**

Vamos iniciar mais um grupo de histórias. Faremos a leitura de um livro, para depois trabalharmos sobre o tema abordado. É muito importante que vocês se concentrem na história para não perderem o fio da meada, pois, ao final, conversaremos sobre o tema.

Se o profissional perceber alguma dificuldade ou interrupção por parte do grupo, é importante parar, retomar a história, explicar e tentar entender a dificuldade ou o conflito que ali surgiu. Tais interrupções por parte de crianças e adolescentes são importantes, pois demonstram que houve um incômodo com o tema trabalhado, o qual pode gerar reflexão e discussão, enriquecendo a experiência não apenas para o indivíduo que se manifestou, mas também para o grupo.

A leitura feita pelo profissional deve ser seguida pela exploração visual do livro. Após a leitura, é importante permitir que as crianças e os adolescentes comentem o que entenderam da história, quais foram os momentos mais significativos de acordo com a compreensão e a interpretação de cada um.

É importante dirigir o grupo fazendo as perguntas uma a uma, de forma a permitir a participação de todos os integrantes, orientando-os aos próximos passos da atividade. É interessante, nesse momento, introduzir alguns questionamentos que permitirão ao grupo focar nos aspectos principais a serem abordados. Por exemplo: *Como isso se dá na sua relação com seu pai/filho? Você pode nos trazer um exemplo?*

O profissional pode ainda reler uma frase ou palavra que esteja no livro, para que seja possível fazer o uso de uma metáfora com a situação que se deseja trabalhar, como, por exemplo, *O que representa o “casulo” para vocês?*

É importante direcionar as perguntas para que os participantes possam se sentir seguros a expressar suas experiências e seus sentimentos, mas a condução dos relatos precisa ser feita de forma construtiva, fortalecendo nos participantes a possibilidade de ressignificação de seus conflitos, angústias e elementos estressores. Ressalta-se a necessidade de que o profissional não seja muito diretivo, induzindo as perguntas de forma precipitada para os participantes ou mesmo estabelecendo regras e condutas morais. Cabe aqui a empatia do profissional no manejo das condutas. Em relação às crianças e aos adolescentes, caso não se expressem verbalmente, é possível sugerir que desenhem: *Você pode fazer um desenho do que entendeu da história?* Para isso, é bom ter sempre disponível papel, lápis, canetinha e/ou massinha, para que possam fazer uma ilustração do que entenderam da história. É importante valorizar o desenho, interagindo com a criança. Pode-se pedir aos pais que também se expressem por meio da escrita.

Diversos materiais e práticas podem e devem ser utilizados para a apresentação e a apropriação dos temas abordados nas histórias, como dinâmicas teatrais, fantasias, dobraduras, mosaicos, cartazes, fantoches, pinturas em tela, pinturas em azulejo e uso de massinhas. Materiais recicláveis bem higienizados e que não ofereçam risco no manuseio podem ser utilizados para a criação de maquetes.

Durante o trabalho com os livros, é importante que o profissional esteja atento para os seguintes aspectos:

- Compreensão da história (interpretação pessoal do que entendeu).
- Transposição da história para as experiências pessoais (por meio da fala ou das atividades lúdicas utilizadas).
- Relação da metáfora com os conteúdos gerados pelo grupo.
- Ocorrência de compreensão literal da história, a qual pode ocorrer por limitações cognitivas da compreensão do participante, mas também como um movimento de esquiva na expressão de experiências por medo de julgamentos.
- Troca de experiências.
- Atitudes e verbalizações que expressem empatia e solidariedade.
- Menção a *feedbacks* positivos sobre a exposição do colega.
- Busca de novas possibilidades para a resolução de problemas.



© Dailan Moraes

DESCRIÇÃO DAS SESSÕES

1ª SESSÃO

Temática: Medos, inseguranças, conflitos internos.

Livro: *Quem tem medo do novo?*

Autoria: Ruth Rocha

Ilustrações: Mariana Massarani

Editora: Salamandra

Ano de publicação: 2015



Objetivos específicos:

- Reconhecer as próprias emoções e as do outro, especificamente relacionadas ao medo e a outros sentimentos, como preocupação, ansiedade, vergonha, insegurança, vulnerabilidade, fragilidade.
- Propiciar o gerenciamento de emoções e sentimentos relacionados ao medo.
- Desenvolver a empatia.
- Fortalecer o vínculo e a confiança entre pais e filhos.
- Desenvolver estratégias de resolução de problemas.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO LIVRO

A história ilustra diversos medos que são comuns na vida das crianças e dos adolescentes, como os relacionados à escola, à família, às mudanças, o medo de chamar a atenção, de ser ridicularizado, de não ser aceito, das expectativas com relação aos novos colegas e às novas relações. Também o medo de se perder, de experimentar uma comida nova, do que vão falar da sua aparência física, de falar um novo idioma, de aprender uma dança, de se sentir diferente, de ser ridicularizado, de não saber se expressar ao falar ao telefone ou em situações em que precise se expor, de mudar de ideia, de crescer, de não pertencer. Ao final do livro, surgem ideias para o enfrentamento dessa emoção.

O formato de prosa traz leveza a um sentimento tão comum na criança e no adolescente. O medo é uma das emoções básicas existentes nos seres humanos, independentemente da faixa etária ou da cultura, cujo enfrentamento adequado é imprescindível para um desenvolvimento emocional saudável. Lidar com o medo e com os sentimentos relacionados a ele, como preocupação, insegurança, ansiedade e vergonha é um ofício para os pais e educadores assumirem com muita sabedoria. Afinal, identificar os medos comuns em cada etapa do desenvolvimento torna esse desafio plenamente possível de ser transposto.

PERGUNTAS E METÁFORAS:

- **Vocês se identificaram com a história?**
- **Quais os medos que surgiram durante a leitura?**
- **Do que vocês têm medo?**

Sugestão de mediação: Incentive as crianças e os adolescentes de modo a falarem sobre seus medos, acolhendo os relatos das experiências que geraram esses sentimentos. Ao falar sobre as situações que causam medo e ansiedade, trazemos para a consciência, por meio da linguagem, pensamentos e sensações difíceis de lidar, devido à intensidade das reações corporais desconfortáveis que esse sentimento provoca. Encoraje o grupo a verbalizar as reações de desconforto para essa emoção.

- **Quando tinham a idade que os seus filhos ou as crianças têm, quais medos enfrentaram? Quem os ajudou a superar esses medos?**

Sugestão de mediação: Os pais, as crianças e os adolescentes são levados a perceber que sentir medo faz parte do desenvolvimento normal de todas as pessoas, pois os medos que eles tinham não serão tão divergentes da realidade atual de seus filhos, por se tratar de uma etapa de desenvolvimento que eles já viveram. Quando a criança ou o adolescente percebe que seus pais também sentem medo, há um certo alívio, e esse alívio proporciona uma melhor aceitação daquele sentimento, ao mesmo tempo que gera empatia e mobiliza a busca por soluções.

● **Quem os ajudou quando tiveram medo? (Pergunta direcionada ainda aos pais. Deixar livre para as crianças falarem.)**

Sugestão de mediação: A criança e o adolescente, ao ver que seus pais já passaram por isso e obtiveram ajuda para resolver, fortalecem-se e compreendem que os medos podem ser superados. Por outro lado, os pais desenvolvem a sensibilidade de que precisam amparar os filhos quando esse sentimento aparece. Perceber que seus colegas também sentem medo gera empatia e leva a criança e o adolescente a uma nova forma de olhar, buscando soluções para seus próprios medos e conflitos.

Alguns exemplos de relatos envolvem a expressão do medo no contexto de mudança, além do medo de falar em público. Percebeu-se, ainda, pensamentos relacionados ao medo, e outra emoção que o acompanhou: a raiva. Entre as reações citadas pelos participantes, estavam querer fugir das situações ou “congelar” diante delas.

ALGUNS EXEMPLOS DE RELATOS

TRANSCRIÇÃO DE FALA:

Adolescente 1: “*Eu tenho um medo: medo de conhecer gente nova, de ir para uma escola nova onde ninguém me conhece. É tipo assim, é estranho, ficam te olhando. Dá vergonha, né? Ninguém te conhece. Dizem, nossa... menino louco! Eu tô lá e vêm falar com a gente: Oi, menino, quer fazer parte com a gente? É tipo assim, né, na escola, sempre são os nerds que vêm falar com a gente e os que são populares. Os playboyzinhos ficam lá na deles, te olhando assim óh: o que que foi? O que que foi o quê? Por isso, já mudei pra seis escolas!*”

Pai 1: “*Eu tinha medo de falar em pú-*

blico, na faculdade, frio no estômago, imaginando que as pessoas iam rir”.

Adolescente 2: “*Parece que tem um monte de borboletas na cabeça...*” (explicando a sensação do medo).

Adolescente 3: “*Medo de não ser nada na vida. Será que eu vou ser um doutor bonito... ou eu não vou fazer nada? Sabe qual é o meu sonho? Desenhar peças de avião, ser um engenheiro mecânico!*”

Criança 1: “*Tenho medo da propaganda das casas Bahia, que tem um bonequinho de palha*”.

Mãe 1: “*Eu tinha medo de falar não,*

de perder a amizade, de ficar sozinha, de magoar. Ah... até hoje eu tenho. Hoje tenho medo de mudança dos filhos, de mudá-los de escola, uma nova adaptação..." (refere-se às dificuldades do filho de uma nova adaptação).

Mãe 2: "Eu tinha medo na escola, por isso eu era sempre a boazinha e fazia a lição perfeita de casa..."

Adolescente 3: "No grupo, ninguém me escolhia para fazer grupo comigo: é que eu era o maior da sala, e as crianças tinham medo de mim".

Criança 3: "Medo de perder minha mãe" (as outras crianças repararam: "Ahh... mas ela tá aqui oh. Cê tá chorando! Enxuga as lágrimas!")



FICHA DA 1ª SESSÃO

LIVRO: *QUEM TEM MEDO DO NOVO?*

PERGUNTAS:

- Vocês se identificaram com a história?
- Quando tinham a idade que os seus filhos ou as crianças têm, quais medos enfrentaram? Quem os ajudou a superar esses medos?
- Quem os ajudou quando tiveram medo? (Pergunta ainda direcionada aos pais. Deixar livre para as crianças falarem.)
- Do que vocês têm medo?

Faixa etária: 3 a 5 anos

Para essa faixa etária, é importante o profissional antecipar a leitura e depois contar a história. Ele deve mudar a entonação da voz e diferenciá-la entre os personagens. Essa técnica ajuda a manter a atenção das crianças, tornando o momento mais divertido. Para a roda de conversa, leve o livro dentro de uma caixa ou baú para estimular a curiosidade da criança.

Material: bonecos de monstros, fantasias de bruxa, palhaços etc.

- Escolher um lugar agradável e fazer uma roda com as crianças.
- À medida que conta a história, o mediador deve ir se caracterizando aos poucos com algumas peças da fantasia e deixar as outras expostas dentro da roda para que as crianças possam tocar, pegar ou mesmo vestir. Conforme for terminando a leitura, o profissional vai tirando aos poucos a fantasia.
- Isso pode ajudar a desmistificar alguns medos relacionados a personagens.
- Caso alguma criança interrompa a leitura, é importante parar e ajudá-la no momento do conflito, para depois prosseguir.
- Depois que terminar a história, deixe as crianças brincarem e interajam com as fantasias.

Faixa etária: 6 a 11 anos

Material: papel sulfite, lápis grafite, borracha, lápis de cor, canetinha.

- A criança deve desenhar no papel aquilo do que tem medo e depois pode fazer o que quiser com a folha (rasgar, amassar, picar, em seguida jogar no lixo). É importante que a criança decida o que fazer com essa folha.
- Discutir sobre o medo e simbolizar de maneira concreta a melhor forma de lidar com ele, orientando as crianças a procurar ajuda quando não conseguirem resolver ou quando acharem necessário.

Faixa etária: 12 a 16 anos

- Em grupo, dramatizar os medos dentro de um contexto e tentar encontrar uma maneira de minimizar as sensações que esses medos causam, as formas de enfrentamento e possíveis soluções.
- Discutir sobre o medo e simbolizar, concretamente, a melhor maneira de buscar novas formas de solucioná-lo, por meio de histórias em quadrinhos, pintura, escultura.

2ª SESSÃO

Temática: Afetividade, limites e confiança na relação entre pais e filhos.

Livro: *Pai cabide*

Autoria: Ilan Brenman

Ilustrações: Raul Guridi

Editora: Moderna

Ano de publicação: 2015



Objetivos específicos:

- Reconhecer as próprias emoções e as do outro, especificamente relacionadas a apego, segurança, aceitação entre pais e filhos.
- Propiciar o gerenciamento de emoções e sentimentos relacionados ao apego.
- Desenvolver a autodisciplina, a responsabilidade e a cooperação.
- Desenvolver limites e estratégias de resolução de problemas.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO LIVRO

O livro mostra o contexto cotidiano vivido por pai e filha, por meio de poucas palavras e várias ilustrações. Na história, vemos a imagem do pai de braços abertos, mas sem expressão, na posição de um cabide em meio a uma sequência de ações rotineiras da criança, como chegar da escola e não organizar seus objetos no lugar, resistência para comer a refeição, pedir ajuda para escovar os dentes, entre outras, para as quais a menina vai se utilizando dos “braços cabide” do pai para pendurar diversos objetos.

Quando a criança finalmente sente falta do pai para que este lhe conte uma história, percebe que ele está cheio de objetos acumulados sobre si, cobrindo até mesmo seu rosto e impossibilitando a interação entre ambos. Diante disso, a ação da filha muda e suas atitudes passam a ser as de retirar os objetos de cima do pai, cooperando e organizando-os em seus lugares e deixando o pai livre para um relacionamento afetivo.

A história nos mostra o pai se envolvendo de forma mais efetiva com a filha, além de permitir explorar pontos de forte relevância para o desenvolvimento emocional e social da criança: as características relacionais do apego, fortemente ligadas ao amor. Percebemos como a filha se sentia aceita e havia aprendido a ter segurança, expressando naturalmente seus desejos, sem perceber a sobrecarga do pai. Os pedidos de ajuda nos fazem ver que a filha já tinha estruturado uma base segura para a exploração do ambiente, nas ações de comer, escovar os dentes, estudar, brincar. O pai, apesar de ficar em silêncio, conseguiu transmitir uma mensagem para a filha, mesmo a criança demorando um pouco para reconhecer a real importância dele em sua vida. E o apego da filha é tão seguro que ela conseguiu lidar com o pai por meio da confiança e do aprendizado dos seus limites e da sua responsabilidade à medida que também passou a cooperar com as atividades da família. Na teoria do apego, a percepção do eu de um indivíduo é organizada por meio de estruturas emocionais que partem das trocas naturais dos relacionamentos de ligação, em que a regulação do afeto se desenvolve por intermédio da maneira pela qual os que cuidaram das crianças reagiram diante de suas emoções (Abreu, 2005).

PERGUNTAS E METÁFORAS:

● Qual o significado do pai cabide?

Sugestão de mediação: Conversar com o grupo sobre situações que fazem com que pais e filhos se sintam como “cabides”. Por exemplo: situações em que se sintam sobrecarregados, cobrados, expostos a demandas emocionais intensas sem conseguir verbalizar como se sentem com isso e esse comportamento resultar em conflito. Perguntar às crianças e aos adolescentes se eles percebem situações em que os pais ficam como “cabides”. Trabalhar a posição corporal de cabide (como na imagem do livro) para que possam usá-la quando se sentirem sobrecarregados e isso proporcionar uma conversa sobre o que está acontecendo, gerando um comportamento em que, em vez de brigar e gritar quando a demanda aparece, quando há uma sobrecarga, inicie-se uma conversa sobre o tema que estiver envolvido.

- **Que emoção o pai expressou quando estava como cabide?**
- **Como você se sentiria sendo um “cabide”?**

Sugestão de mediação: Verificar como o grupo percebeu a expressão do personagem pai. Discutir que parece que o pai não consegue se colocar na situação até que a personagem filha perceba. Propiciar ao grupo a possibilidade de falar como cada um demonstra sua emoção quando está sobrecarregado, reconhecendo que descontroles geralmente aumentam o conflito, assim como a omissão ou negligência pode trazer como consequência a dependência.

- **Como se dava a relação entre a filha e o pai?**

Sugestão de mediação: Pode-se abordar os seguintes aspectos: inicialmente, a personagem filha lida com o pai apenas como alguém que pode fazer coisas para ela, e o personagem pai, por sua vez, assume uma posição passiva. Discutir com os participantes se eles reconhecem situações desse tipo. Em seguida, é possível lançar a pergunta: Quantas vezes os membros de uma família ficam envolvidos com ações e se esquecem ou não têm o hábito de conversar, de colocar limites e responsabilidades, de questionar sobre como cada um se sente em diversas situações, ou das experiências que vivenciaram, a fim de se observar?

Trabalhar a seguinte proposição: Que emoção vocês expressam quando os filhos fazem o que vocês desejam que façam? (Relembre o final da história, quando a filha organiza os objetos e ele conta a história para a filha, retomando um contato mais afetivo e próximo.)

Em resumo, é importante propiciar discussões sobre a sobrecarga dos pais: a necessidade de cooperação, a dificuldade em se colocar limites e de manejar o comportamento voluntarioso dos filhos, a intolerância dos filhos e o desconforto de lidar com as próprias emoções relacionadas a raiva, cansaço e tristeza diante do filho.

ALGUNS EXEMPLOS DE RELATOS

TRANSCRIÇÃO DE FALA:

Paciente 1: *“Tudo era em cima do pai, porque era o pai dela”* (ideia de que os pais devem responder a tudo de que os filhos precisam e da maneira como querem).

Cuidador 1: “O pai tem que fazer tudo” (ideia de que a figura de autoridade precisa ser eficiente em todas as situações).

Mãe 1: “O pai deixou o filho fazer tudo e não disse: ‘Filho, agora não posso’” (ideia da colocação de limites).

Mãe 2: “...mas, quando vou impor limites, sou chamada de chata. A sensação é de ficar sobrecarregada” (manifestação de um sentimento e da dificuldade de lidar com a expressão emocional da criança, quando agressiva).

Mãe 3: “Temos crianças que têm dificuldade de ouvir não. Ficam bravas, muito bravas. O pai deveria ter ensinado desde bebê a esperar” (relata um vídeo e faz uma reflexão sobre o próprio comportamento). “A gente

espera que o filho tenha essa percepção. A criança de uma certa forma tira proveito” (reflexões sobre a consequência de não estabelecer limites desde cedo e de esperar que os filhos aprendam ou percebam as coisas de forma independente).

Mãe 4: “Às vezes, a gente nem percebe que está fazendo uma cara de bravo” (reconhecimento de que, em situações de sobrecarga, pode haver dificuldade de se autoperceber).

Mãe 5: “Aquilo que você quer receber, você receberá. Respeito pra você e pra mim” (manifestação de um desejo, mas com necessidade de refletir sobre formas de trabalhar o respeito nas relações familiares, com o cuidado de não assumir posturas de autoritarismo).



FICHA DA 2ª SESSÃO

LIVRO: PAI CABIDE

PERGUNTAS:

- Qual o significado do pai cabide?
- Que emoção o pai expressou quando estava como cabide?
- Como se dava a relação entre a filha e o pai?
- Como você se sentiria no lugar dele?

Faixa etária: 3 a 5 anos

Para essa faixa etária, é importante o profissional antecipar a leitura e depois contar a história. Ele deve mudar a entonação da voz e diferenciá-la entre os personagens. Essa técnica ajuda a manter a atenção das crianças, tornando o momento mais divertido.

Para a roda de conversa, leve o livro dentro de uma caixa ou baú para estimular a curiosidade da criança.

Material: folha de sulfite, cola e recortes de fotos de revistas com vários objetos.

- Após contar a história, oferecer uma folha e recortes de fotos de revistas com vários objetos para que as crianças selecionem o que podem fazer para ajudar os pais, evitando que fiquem sobrecarregados.
- Sugestão: para crianças que conseguem recortar com tesoura, é um bom momento para treinar essa habilidade. As que ainda não conseguem recortar com tesoura podem fazer o recorte com as mãos.

Faixa etária: 6 a 11 anos

- Dramatizar a situação com um adulto e uma criança, ou entre as próprias crianças.
- A criança fará o papel do pai cabide e o adulto fará o papel da criança.
- Levar o grupo a verbalizar o sentimento de estar sobrecarregado com as responsabilidades do outro.
- Em seguida, levar o grupo a refletir sobre suas ações e discutir como cada um pode melhorar as suas ações.

Faixa etária: 12 a 16 anos

- Dramatizar entre dois adolescentes, sendo um o pai cabide e o outro, o filho. Deixar que experimente a sensação de se sentir sobrecarregado.
- Levar o grupo a verbalizar o sentimento de estar sobrecarregado com as responsabilidades do outro.
- Em seguida, proponha que listem, em um diário, atitudes que deixam de realizar, como organizar os próprios pertences, o quarto, a rotina de estudos. Em seguida, listem metas e planos do que precisam fazer para colocar em prática a correção dessas ações.

3ª SESSÃO

Temática: Conflito existencial, vazio interior.

Livro: *Vazio*

Autoria: Anna Llenas

Tradução: Silvana Tavano

Editora: Moderna

Ano de publicação: 2017



Objetivos específicos:

- Reconhecer as próprias emoções e as do outro, especificamente relacionadas a tristeza e sentimentos, como infelicidade, desamparo, frustração.
- Propiciar o gerenciamento de emoções e sentimentos relacionados a tristeza.
- Desenvolver a empatia entre pais e filhos.
- Desenvolver estratégias de resolução de problemas.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO LIVRO

O livro conta a história de uma menina que era feliz e tranquila, mas um dia, de repente, tudo mudou: veio um vazio. Ela fez de tudo para que o vazio desaparecesse, tentou preencher, tampar, apagar, mas o vazio cresceu ainda mais. A personagem mostra uma dificuldade de lidar com esse sentimento, abrindo lacunas para comportamentos impulsivos e de angústia. Apesar de ter levado um tempo para um autoajustamento, a menina conseguiu regular suas emoções e mudar seu comportamento.

Podemos explorar os momentos desfavoráveis que acontecem na vida da criança envolvendo-a ou envolvendo sua família. A história apresenta emoções e sentimentos da criança, que inicialmente se apresenta livre e naturalmente alegre, mas, posteriormente, triste, aflita. Na vida real, essas são reações a interações previamente vividas, no convívio com familiares – pai, mãe, irmãos, tios, tias, amigos etc. – com os quais as crianças são sujeitas a situações que lhe causam sofrimento. Lidar com esses sentimentos faz parte da construção de uma personalidade.

APLICAÇÃO PRÁTICA / REFLEXÕES E METÁFORAS:

● O que causou um vazio na menina?

Sugestão de mediação: Explorar com o grupo as circunstâncias que fazem com que as crianças sintam um “vazio” e pedir para citarem acontecimentos que geram essas reações. O profissional pode sugerir exemplos, como as perdas, as frustrações, as mudanças, ou até mesmo as doenças, os desamparos e a desatenção. Como a menina reagiu diante desse sentimento? Inicialmente retraída e depois agitada, mas sem contar a ninguém como se sentia. Conversar com as crianças para ver se elas percebem as causas que a fizeram sentir-se assim. Trabalhar a comunicação, sugerindo que, quando se sentirem aflitas ou angustiadas, possam buscar alguém em quem confiam para conversar sobre esses sentimentos, ou até mesmo escrever sobre eles, em vez de ter uma atitude de isolamento ou comportamentos impulsivos na tentativa de lidar com o vazio.

● O que saía de bom de dentro do vazio?

● Como era a sensação de vazio?

Sugestão de mediação: Conferir como o grupo percebe o vazio e solicitar que descrevam as sensações corporais quando se sentem assim. O desejo de isolar-se, chorar ou querer gritar faz com que os sentimentos de tristeza e desesperança se intensifiquem, mas externalizá-los fará com que venha um alívio e seja possível a aproximação de um profissional, como um psicólogo.

● O que a fez parar e querer tapar o vazio?

Sugestão de mediação: Parece que alguns hábitos para tentar tapar a sensação de vazio ou angústia atraem outra situação de vazio (vício de celular, internet, compras), e identificá-la é a melhor solução, pois a menina tentava tapar o buraco, mas ele ainda estava lá e parecia maior. Convidar o grupo a falar como vivenciam esses sentimentos, reconhecendo o medo, a raiva e a tristeza, e também como se manifestam as atitudes impulsivas porque não compartilharam com alguém que acolhesse verdadeiramente essas emoções.

● Que emoção vocês expressam quando conseguem lidar com o vazio?

Sugestão de mediação: Trabalhar os recursos positivos que os pais e as crianças podem usar diante das adversidades, incluindo uma comunicação que acontece considerando as emoções.

Nas discussões dessa história, podem surgir temas ligados à impulsividade, como o próprio ato de comer para aliviar a ansiedade, além dos sentimentos de inferioridade e de baixa autoestima.

ALGUNS EXEMPLOS DE RELATOS

TRANSCRIÇÃO DE FALA:

Mãe 1: *“Às vezes precisamos limpar a mente, não os olhos”.*

Mãe 2: *“Às vezes, em nossa mente, fazemos comparações: ‘ele tem, eu não tenho, ele pode, eu não consigo’. Muitas vezes, a pessoa está com a alma amargurada; não somos isso, mas nos tornamos”.*

Pai 1: *“A preocupação não é fechar o buraco, pois ele é um espaço de interação com os outros. Como o medo é essencial a nossa sobrevivência, esses espaços são importantes”.*



© Anna Lienas

FICHA DA 3ª SESSÃO

LIVRO: VAZIO

PERGUNTAS:

- O que causou um vazio na menina?
- O que saía de bom de dentro do vazio?
- Como era a sensação de vazio?
- O que a fez parar e querer tapar o vazio?
- Que emoção vocês expressam quando conseguem lidar com o vazio?

Faixa etária: 3 a 5 anos

Para essa faixa etária, é importante o profissional antecipar a leitura e depois contar a história. Ele deve mudar a entonação da voz e diferenciá-la entre os personagens. Essa técnica ajuda a manter a atenção das crianças, tornando o momento mais divertido.

Para a roda de conversa, leve o livro dentro de uma caixa ou baú para estimular a curiosidade da criança.

Material: papel-cartão preto, palitos de churrasco ou sorvete, fitilhos coloridos, fita adesiva, TNT ou papel de seda, caixa de papelão ou de madeira (como preferir), lanterna, tinta guache preta, folha de sulfite e canetinha.

Os moldes das silhuetas estão no anexo, à página 92, e devem orientar a criação dos fantoches (imagens de 1 a 10).

- Teatro de sombra: Confeccionar os fantoches (conforme os modelos no anexo), utilizar papel-cartão preto para as silhuetas e colar na parte sem cor o palito de churrasco ou sorvete.
- Para a confecção do teatro, providenciar uma caixa de tamanho adequado. Ao fundo da caixa, abrir com estilete, mantendo uma borda de 4 cm em todas as laterais, para servir de apoio na colagem do papel de seda ou TNT. Pintar o interior e o exterior da caixa com tinta preta. Depois de secar a tinta, colar o TNT ou papel de seda conforme mencionado.
- Os personagens devem aparecer conforme orientação abaixo:

IMAGENS 1 – MENINA E A CASA.

Júlia vivia com sua família em uma casa pequenina em uma cidade não muito grande no alto de uma colina. Era uma menina feliz e tranquila como tantas outras.

IMAGEM 2 – MENINA COM BURACO NA BARRIGA.

Mas um dia, de repente, tudo mudou e ela ficou só, com um grande vazio. Um vazio enorme.

IMAGEM 3 – MENINA COM CACHECOL.

Por ali o vento atravessava o seu corpo.

IMAGEM 4 – MONSTROS.

Dali surgiram monstros! O vazio sugava todas as coisas. Júlia fez de tudo para que o vazio desaparecesse.

IMAGEM 5 – BOLINHO.

Tentou preencher, tentou tampar, apagar, mas o vazio parecia crescer mais e mais.

IMAGEM 6 – TAMPA.

Então, certo dia, Júlia pensou em procurar uma tampa que fechasse aquele buraco, mas logo viu que existiam muitas tampas de todos os tipos.

IMAGENS 7 – PIRULITO E GATO.

Algumas eram boas, outras pareciam ser boas, e outras ainda pareciam muito perigosas. Certas tampas eram a maior tapeação. Por mais que procurasse, Júlia não encontrava a tampa certa. Então acabou desistindo.

IMAGEM 2 DA MENINA COM BURACO NA BARRIGA (USAR TAMBÉM NESTE MOMENTO)

Nessa hora, sentiu-se zozna, cambaleou para lá, para cá... tão triste que começou a chorar. Primeiro quietinha, depois aos berros, outra vez sem fazer alarde, até que a tristeza virou silêncio. Nesse silêncio, escutou uma voz que parecia vir do chão e dizia: - Pare de procurar por aí e olhe para dentro de você! - Dentro de mim?

Faixa etária: 3 a 5 anos (continuação)

IMAGENS 8 – FITILHO, BALÃO, TARTARUGA, PÁSSARO, BORBOLETA, ESCADA.

Dali começaram a sair palavras, cores, sons, surgiram mundos maravilhosos que nunca tinha imaginado. Mundos mágicos onde Júlia se sentia ligada a todas as coisas como antes. Era como estar em casa. Feliz com a descoberta, ela foi se aproximando das outras pessoas de um jeito diferente.

IMAGENS 9 – PEIXE E AMIGOS.

Percebeu que elas também tinham seus próprios mundos mágicos, por onde viviam viajando. De onde traziam lindos presentes que compartilhavam com os amigos.

IMAGEM 10 – MENINA COM BURACO PEQUENINHO NA BARRIGA.

Pouco a pouco, o vazio foi diminuindo, mas, por sorte, nunca sumiu de vez – assim, Júlia sempre podia voltar para aquele mundo cheio de surpresas.

- Após o término da apresentação do teatro, entregar para as crianças uma folha de sulfite e canetinha, para que façam um desenho expressando o que compreenderam dos sentimentos envolvidos na história.
- Sentadas em círculo, deixar cada criança expressar seu sentimento. Nesse momento não se deve fazer nenhuma crítica. Em seguida, explicar para as crianças que elas podem pedir a ajuda de um adulto quando se sentirem como a menina da história.

Faixa etária: 6 a 11 anos

Material: papel-cartão preto, palitos de churrasco ou sorvete, fitilhos coloridos, fita adesiva, TNT ou folha de seda, tinta guache preta, caixa de papelão ou de madeira (como preferir), lanterna.

Os moldes das silhuetas estão no anexo, à página 92, e devem orientar a criação dos fantoches (imagens de 1 a 10).

- Teatro de sombra: Confeccionar os fantoches (conforme os modelos no anexo), utilizar papel-cartão preto para as silhuetas e colar na parte sem cor o palito de churrasco ou sorvete.
- Para a confecção do teatro, providenciar uma caixa de tamanho adequado. Ao fundo da caixa, abrir com estilete, mantendo uma borda de 4 cm em todas as laterais, para servir de apoio na colagem do papel de seda ou TNT. Pintar o interior e o exterior da caixa com tinta preta. Depois de secar a tinta, colar o TNT ou papel de seda conforme mencionado.
- Colocar a lanterna na parte de trás da caixa a fim de ter o efeito sombra para quem assistir. Enquanto o teatro vai acontecendo, alguém narra a história.
- Os personagens devem aparecer conforme orientação abaixo:

IMAGENS 1 – MENINA E A CASA.

Júlia vivia com sua família em uma casa pequenina em uma cidade não muito grande no alto de uma colina. Era uma menina feliz e tranquila como tantas outras.

IMAGEM 2 – MENINA COM BURACO NA BARRIGA.

Mas um dia, de repente, tudo mudou e ela ficou só, com um grande vazio. Um vazio enorme.

IMAGEM 3 – MENINA COM CACHECOL.

Por ali o vento atravessava o seu corpo.

IMAGEM 4 – MONSTROS.

Dali surgiram monstros! O vazio sugava todas as coisas. Júlia fez de tudo para que o vazio desaparecesse.

IMAGEM 5 – BOLINHO.

Tentou preencher, tentou tampar, apagar, mas o vazio parecia crescer mais e mais.

Faixa etária: 6 a 11 anos (continuação)

IMAGEM 6 – TAMPA.

Então, certo dia, Júlia pensou em procurar uma tampa que fechasse aquele buraco, mas logo viu que existiam muitas tampas de todos os tipos.

IMAGENS 7 – PIRULITO E GATO.

Algumas eram boas, outras pareciam ser boas, e outras ainda pareciam muito perigosas. Certas tampas eram a maior tapeação. Por mais que procurasse, Júlia não encontrava a tampa certa. Então acabou desistindo.

IMAGEM 2 DA MENINA COM BURACO NA BARRIGA (USAR TAMBÉM NESTE MOMENTO)

Nessa hora, sentiu-se zozona, cambaleou para lá, para cá... tão triste que começou a chorar. Primeiro quietinha, depois aos berros, outra vez sem fazer alarde, até que a tristeza virou silêncio. Nesse silêncio, escutou uma voz que parecia vir do chão e dizia: - Pare de procurar por aí e olhe para dentro de você! - Dentro de mim?

IMAGENS 8 – FITILHO, BALÃO, TARTARUGA, PÁSSARO, BORBOLETA, ESCADA.

Dali começaram a sair palavras, cores, sons, surgiram mundos maravilhosos que nunca tinha imaginado. Mundos mágicos onde Júlia se sentia ligada a todas as coisas como antes. Era como estar em casa. Feliz com a descoberta, ela foi se aproximando das outras pessoas de um jeito diferente.

IMAGENS 9 – PEIXE E AMIGOS.

Percebeu que elas também tinham seus próprios mundos mágicos por onde viviam viajando. De onde traziam lindos presentes que compartilhavam com os amigos.

IMAGEM 10 – MENINA COM BURACO PEQUENINHO NA BARRIGA.

Pouco a pouco, o vazio foi diminuindo, mas, por sorte, nunca sumiu de vez – assim Júlia sempre podia voltar para aquele mundo cheio de surpresas.

Faixa etária: 12 a 16 anos

Material: Tinta guache preta, papel canson, giz de cera e palito de churrasco.

- Contar a história do livro.
- Após ouvir a história, pedir que os adolescentes pintem com giz de cera toda a folha de canson, de preferência, usando várias cores. Depois pintar com tinta guache preta a folha toda.
- Em seguida, com o palito de churrasco, eles devem escrever, sobre a tinta preta, palavras que expressem sentimentos bons e ruins vividos por eles.
- Por onde riscarem com o palito vai sair a tinta guache e ficar colorido, pois aparecerá o giz de cera que está embaixo. Deixar secar.
- Pensar juntos em novas soluções para lidar com os sentimentos vivenciados que escreveram.

4ª SESSÃO

Temática: Amizade, ausência, separação, solidão.

Livro: *A carta de Hugo*

Autoria: Tom Percival

Tradução: Yukari Fujimura

Editora: Salamandra

Ano de publicação: 2013



Objetivos específicos:

- Reconhecer as próprias emoções e as do outro, especificamente emoções relacionadas à tristeza provocada pela perda. Explorar ações de amor e sentimentos relacionados, como amizade, saudade, vínculo.
- Propiciar o gerenciamento de emoções e sentimentos relacionados à tristeza.
- Desenvolver a empatia.
- Estimular a resolução de problemas.

BREVE DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO LIVRO

Hugo e Tony tinham uma forte amizade, mas um dia Tony teve que se mudar, causando uma grande tristeza em ambos. Para diminuir esse sentimento, prometeram trocar milhares de cartas, fazendo com que a amizade continuasse sólida. Ao ler as cartas, Hugo começou a se sentir triste e abandonado, por continuar na mesma vida, enquanto Tony fazia uma porção de novos amigos. Hugo não conseguia expressar para o amigo os seus sentimentos, até que teve a ideia de ir visitá-lo para resgatar os fortes laços de amizade.

Podemos dizer que o tema central do livro é a amizade, pois envolve muitas afinidades entre Hugo e Tony. Por meio da amizade, as crianças aprendem a se relacionar com o mundo, contribuindo para a socialização, o amadurecimento e o exercício da comunicação emocional, da capacidade de cooperação. Alegria e amor compõem a amizade, valorizando-a para superar situações difíceis de estresse e conflito.

PERGUNTAS, REFLEXÕES / METÁFORAS:

● Alguém consegue se identificar com o Hugo?

Sugestão de mediação: Conversar com as crianças e os adolescentes sobre a amizade e pedir que falem se têm amigos, como iniciaram e mantiveram essa amizade. Perguntar se alguém no grupo tem um amigo ou amiga que está longe e o que faz para se comunicar com ele(a). Conversar com as crianças e os adolescentes sobre a tristeza e os sentimentos relacionados a ela, como solidão, abandono, que gera raiva, irritação, fazendo-os sentir-se mal, mas também sobre a tristeza que gera ações positivas, de se retirar para pensar, reajustar-se e buscar soluções. Conversar sobre as dificuldades encontradas por Hugo, que tropeçou, deu cabeçadas, e pensar se valeu a pena. Analisar a dificuldade de estar longe de quem se gosta e perceber que esses sentimentos podem causar pensamentos enganosos em detrimento das situações prazerosas vividas.

● Como superar esses sentimentos e enfrentar o sofrimento provocado na separação?

Sugestão de mediação: Conversar com as crianças e os adolescentes sobre buscar a ajuda de alguém em quem confiam; mostrar que, às vezes, o amigo pode nos “abandonar”, e é preciso pensar em como superar isso. Falar também sobre as circunstâncias de quando acontece uma separação de alguém importante para nós, que, na maioria das vezes, não depende da nossa vontade, e refletir sobre as pessoas que ficaram, as quais embora o livro não mostre, continuam lá, como os outros animais da floresta. Conversar sobre as formas de lidar com esses sentimentos e as formas de alcançar ajuda.

Ao final da atividade, entregar folhas de papel sulfite aos participantes e pedir que escrevam uma carta para o “Hugo” da vida deles e que a tragam na próxima sessão.

ALGUNS EXEMPLOS DE RELATOS

TRANSCRIÇÃO DE FALA:

Paciente 1: *“Foi uma boa a ideia de se transportar na caixa”.*

Mãe 1: *“Ficar cego quando algo negativo fala mais alto; é difícil ver o positivo”.*

Mãe 2: *“A história fala sobre amizade:*

não importa a distância, o sentimento permanece”.

Mãe 3: *“A dificuldade de enfrentar a nevasca para chegar... O sentimento de estar sozinho é muito ruim”.*

FICHA DA 4ª SESSÃO

LIVRO: A CARTA DE HUGO

PERGUNTAS:

- Alguém consegue se identificar com o Hugo?
- Como superar esses sentimentos e enfrentar o sofrimento provocado na separação?

Faixa etária: 3 a 5 anos

Para essa faixa etária, é importante o profissional antecipar a leitura e depois contar a história. Ele deve mudar a entonação da voz e diferenciá-la entre os personagens. Essa técnica ajuda a manter a atenção das crianças, tornando o momento mais divertido. Para a roda de conversa, leve o livro dentro de uma caixa ou baú para estimular a curiosidade da criança.

Material: papel cortado em tiras e caneta esferográfica. Em pequenos papéis, escrever pistas para que um amigo possa encontrar o outro amigo.

- O profissional deve escrever o nome das crianças nos papéis em tiras e realizar um sorteio, formando duplas. Em seguida, um deve se esconder e o outro procurá-lo, seguindo as pistas deixadas em bilhetes que serão lidos pelo profissional.
- Após conseguir encontrar o amigo, estimular a criança para que diga o que sentiu ao encontrá-lo ou pedir que mostre o emoji que representa o sentimento daquele momento do encontro.
- Sentados em círculo, sugira que conversem sobre como seria se não fosse possível encontrar o amigo; em quais alternativas pensariam para tentar diminuir a saudade.

Faixa etária: 6 a 16 anos

Material: papel sulfite, lápis grafite, caneta esferográfica, canetinha.

- Após contar a história, pedir que todos do grupo escrevam uma carta para a família ou algum amigo, expressando sentimentos. Em seguida, devem trocar as cartas com os colegas do grupo para que todos as leiam. É importante discutir as emoções que estão envolvidas.



5ª SESSÃO

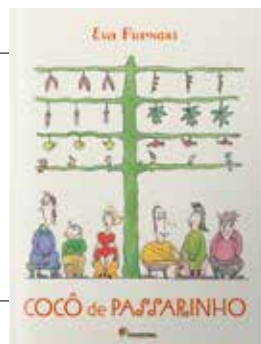
Temática: Acomodação, falta de perspectiva, resolução de problemas, cooperação.

Livro: *Cocô de passarinho*

Autoria e ilustrações: Eva Furnari

Editora: Moderna

Ano de publicação: 2013



Objetivos específicos:

- Reconhecer as próprias emoções e as do outro, especificamente relacionadas a raiva, irritação e renúncia.
- Propiciar o gerenciamento de emoções e sentimentos relacionados a raiva e irritação.
- Desenvolver a empatia entre pais e filhos.
- Desenvolver estratégias de resolução de problemas.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO LIVRO

A história conta a vida de alguns moradores de uma cidade pequena que costumavam se reunir em uma pracinha, embaixo de uma árvore. Porém, nesse local, os passarinhos acabavam fazendo cocô na cabeça deles. Nessas reuniões, os habitantes sempre falavam e se queixavam das mesmas coisas, e os passarinhos também sempre piavam as mesmas coisas. Até que um dia, incomodados pelos hábitos dos passarinhos, surgiu uma ideia que mudaria todo o contexto de vida deles.

A história permite que os moradores repensem seus hábitos e criem possibilidades de mudanças para o que os incomoda. Eles conseguem ampliar as formas de olhar para o mundo, buscando possíveis soluções para os sinais de que algo não vai bem e percebem que, por meio de cooperação e trabalho feitos em equipe, uma solução que agradou a todos pôde ser encontrada.

Essa história possibilita vivenciar o incômodo de uma situação na qual, em um primeiro momento, os personagens estão passivos, acomodados e queixosos, mas depois fazem um movimento cooperativo, mostrando que eles podem ser agentes ativos da mudança, assim como cada um de nós. No

contexto da história, existe um movimento individual para que essas mudanças ocorram.

Por meio dos acontecimentos da história, é possível explorar a ampliação do nosso olhar para as diversas situações em que nos acomodamos ou em que há uma impossibilidade, mesmo que momentânea, de mudanças. O texto mostra também que a cooperação pode ser produtiva e nos possibilita buscar de fato sermos mais ativos, procurando soluções muitas vezes criativas e enriquecedoras.

APLICAÇÃO PRÁTICA / REFLEXÕES E METÁFORAS:

● O que representa o “cocô” para vocês?

Sugestão de mediação: Conversar com as crianças e os adolescentes sobre o que os incomoda. Ajudá-los a identificar comportamentos e situações em que eles não se sentem bem e construir em conjunto um campo de novas possibilidades para desenvolver novas habilidades, novas formas de se relacionar, de ver os possíveis desafios e maneiras de interagir com o outro.

● Como a família, a escola e a sociedade podem auxiliar nesse processo?

Sugestão de mediação: Conversar com o grupo sobre as diversas formas de olhar para uma mesma situação, auxiliando-o a se colocar nos mais diversos papéis e a perceber novos caminhos que possibilitem uma resolução satisfatória.

● Quais as emoções que surgiram entre os habitantes durante esse processo?

Sugestão de mediação: Instruir o grupo a valorizar e validar o processo emocional de cada indivíduo, respeitando o momento de cada um, mas também visando a aumentar a percepção de que existem diferentes formas de solucionar um mesmo problema.

Nos relatos dos grupos, a metáfora sobre buscar diferentes soluções para um mesmo problema, em vez de somente queixar-se, trouxe a percepção de novos comportamentos e possibilidades para as situações relatadas.

Sugestões de aplicação: Após ler a história, pergunte às crianças e aos adolescentes o que significa o “cocô” para eles; em que situação isso pode ser aplicado e quais são as possíveis formas de olhar para essa situação. Repensar juntos situações práticas que os incomodam.

FICHA DA 5ª SESSÃO

LIVRO: *COCÔ DE PASSARINHO*

PERGUNTAS:

- O que representa o “cocô” para vocês?
- Como a família, a escola e a sociedade podem auxiliar nesse processo?
- Quais as emoções que surgiram entre os habitantes durante esse processo?

Faixa etária: 3 a 5 anos

Para essa faixa etária, é importante o profissional antecipar a leitura e depois contar a história. Ele deve mudar a entonação da voz e diferenciá-la entre os personagens. Essa técnica ajuda a manter a atenção das crianças, tornando o momento mais divertido.

Para a roda de conversa, leve o livro dentro de uma caixa ou baú para estimular a curiosidade da criança.

Material: um chapéu e um brinquedo quebrado.

- Em círculo, após contar a história, cada criança escolherá o chapéu que usará.
- O profissional deverá dar um brinquedo quebrado para cada um.
- Cada criança deverá falar como poderiam fazer para resolver aquela situação – afinal de contas, o brinquedo está quebrado.
- Conversar com as crianças sobre quais sentimentos poderiam ser representados com os emojis, se aquele brinquedo fosse delas, e como poderiam colaborar uns com os outros para resolver o problema.
- Explicar que, muitas vezes, elas não encontrarão resposta para tudo, ficarão tristes ou com raiva, mas é importante contar para um adulto, assim poderão ter ajuda e se sentirem melhor.

Faixa etária: 6 a 11 anos

Material: um chapéu.

- Após contar a história para o grupo utilizando um chapéu, levar a discussão temas pertinentes a todos.
- Passar o chapéu por todas as crianças, que deverão expor alguma situação em que busquem formas positivas de solução.

Faixa etária: 12 a 16 anos

Material: cartolina, lápis grafite, canetinha e lápis de cor.

- Após contar a história, levantar situações práticas para discussão e exploração de novas formas de resolução em conjunto e pedir para que façam um cartaz com a cartolina para ilustrar essas resoluções.

6ª SESSÃO

Temática: Autoaceitação, autoimagem.

Livro: *A lagartixa que virou jacaré*

Autoria e ilustrações: Izomar Camargo Guilherme

Editora: Moderna

Ano de publicação: 2017



Objetivos específicos:

- Reconhecer as próprias emoções e as do outro, especificamente relacionadas a desprezo, antipatia, além da tristeza, que envolve a insegurança e a fragilidade.
- Propiciar o gerenciamento de emoções e sentimentos relacionados ao desprezo.
- Desenvolver a empatia.
- Estimular o reconhecimento da diversidade e o respeito ao outro.
- Desenvolver estratégias de resolução de problemas.

BREVE DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO LIVRO

A lagartixa Filomeno é constantemente ridicularizada pelos outros animais por sua aparência física: pequena, fraca e magra – fato que ocasionava sentimento de tristeza. Um escape para se livrar das chacotas seria transformar-se em alguém diferente do que era. Portanto, sonhava em ser um jacaré. A esperança de Filomeno era a de que, mudando sua aparência física, seria mais respeitada. Por isso, ela foi buscar ajuda para realizar seu sonho. Quando finalmente conseguiu mudar seu aspecto físico, viu que o relacionamento permanecia igual ou até mais desrespeitoso, e resolveu voltar a ser quem era: uma simples lagartixa.

É possível ver aspectos relacionados ao desprezo que desencadeou uma tristeza na lagartixa, culminando na busca por uma solução precipitada para seus problemas. Percebe-se também a falta do exercício do amor, como a autoaceitação, que está intensamente ligada aos sentimentos de autoconfiança e alto astral encontrados na alegria. Além disso, esses aspectos in-

fluenciam a valorização, o conceito e o respeito atribuídos a si mesmo, o que se reflete nas relações com o outro. Na história, as diferenças e dificuldades de se relacionar com os demais animais que o cercavam fizeram com que o personagem alimentasse a ideia de que, se mudasse suas características físicas, teria um relacionamento respeitoso com os outros animais, mas a mudança precipitada resultou em expectativas diferentes da realidade.

APLICAÇÃO PRÁTICA / REFLEXÕES E METÁFORAS:

- **O que levou a lagartixa a acreditar que se transformar num jacaré resolveria seu problema?**

Sugestão de mediação: Estimular um diálogo com as crianças e os adolescentes para falar se já foram julgados, excluídos ou ridicularizados pela sua aparência. Refletir com eles que aceitar o que o outro diz sobre você pode afetar os sentimentos e pensamentos sobre si, ocasionando tristeza, desvalia e até mesmo autodepreciação. Conversar com os pais para que sejam mediadores dos filhos a fim de apresentar as características de comportamento que são positivas e que devem ser estimuladas. Ajudar as crianças e os adolescentes a perceber que essas ações poderão refletir diretamente nos seus relacionamentos, provocando sentimentos de bem-estar, autoconfiança e respeito. É possível, ainda, explorar um diálogo sobre *bullying* e *cyberbullying*, acolhendo os relatos dos participantes.

- **Vocês conhecem alguém que já tentou ser diferente do que é para resolver um problema?**

- **Se vocês pudessem escolher qualquer coisa, o que gostariam de ser?**

Sugestão de mediação: Comentar com as crianças e os adolescentes que a forma como nos sentimos e nos percebemos se reflete nas nossas ações como num espelho. Trabalhar sentimentos de não aceitação, de medo de ser ridicularizado e de autodepreciação pode ser uma janela de oportunidades para mudanças. Orientar os pais para auxiliar as crianças e os adolescentes em como agir de forma apropriada em situações sociais difíceis, pois essa é uma maneira de antecipar tais situações, bem como as reações associadas, propiciando uma memória que poderá ser fundamental para as reações futuras da criança.

ALGUNS EXEMPLOS DE RELATOS

TRANSCRIÇÃO DE FALA:

Mãe 1: “Não queria ser ele mesmo; ser outro”.

Mãe 2: “Meu filho é comunicativo, extrovertido”.

Mãe 3: “Às vezes, queremos uma coisa, mas, às vezes, não é o momento”.

Mãe 4: “Me sinto feliz. Mostrar o amor que sinto por X e que ela sinta” (falando desse amor).

Criança 1: diz não gostar de nada nele.



FICHA DA 6ª SESSÃO

LIVRO: A LAGARTIXA QUE VIROU JACARÉ

PERGUNTAS:

- O que levou a lagartixa a acreditar que se transformar num jacaré resolveria seu problema?
- Se vocês pudessem escolher qualquer coisa, o que gostariam de ser?
- Vocês conhecem alguém que já tentou ser diferente do que é para resolver um problema?

Faixa etária: 3 a 5 anos

Para essa faixa etária, é importante o profissional antecipar a leitura e depois contar a história. Ele deve mudar a entonação da voz e diferenciá-la entre os personagens. Essa técnica ajuda a manter a atenção das crianças, tornando o momento mais divertido.

Para a roda de conversa, leve o livro dentro de uma caixa ou baú para estimular a curiosidade da criança.

Material: meia social e olhos de plástico (para colar os olhos, será necessária a ajuda de um adulto, pois precisará usar pistola de cola quente).

- Após ouvir a história, construir o fantoche de meia.
- Depois, em um círculo, um de cada vez recontará a história como se fosse a lagartixa, e deverá comentar por que gostaria de se transformar em jacaré.

Faixa etária: 6 a 11 anos

Material: fantasias.

- Após ler a história, cada um do grupo escolherá uma fantasia.
- Em círculo, conduzir uma discussão sobre o que cada aluno gostaria de ser, levando-os a refletir se é necessário se transformar pra resolver o problema.

Faixa etária: 12 a 16 anos

Material: papel-cartão, lantejoulas, *glitter*, tesoura, furador, elástico, EVA, papéis de várias texturas e cores.

- Após ouvir a história, pedir para que cada um construa a máscara do personagem que gostaria de ser.
- Depois de pronta, pedir que dramatizem, expressando por que gostariam de se transformar.
- Pedir para que descrevam as características físicas ou habilidades emocionais que aprenderam a reconhecer e valorizar ao longo da vida.

7ª SESSÃO

Temática: Descontrole emocional, intolerância a frustração.

Livro: *Tartufo*

Autoria e ilustrações: Eva Furnari

Editora: Moderna

Ano de publicação: 2012



Objetivos específicos:

- Reconhecer as próprias emoções e as do outro, especificamente relacionadas a raiva.
- Propiciar o gerenciamento de emoções e sentimentos relacionados a raiva.
- Desenvolver a empatia.
- Estimular a resolução de problemas.

BREVE DESCRIÇÃO DA ANÁLISE DO LIVRO

O livro narra a história de um príncipe que tinha uma nuvem negra em cima da cabeça. Dependendo do dia, a nuvem crescia, parecendo estar prestes a explodir, fazendo com que todos a sua volta buscassem uma forma de defesa para os ataques, seja tentando agradá-lo, seja se esquivando dele. Mas um palhaço chamado Tartufo, o bobo da corte, usava de artimanhas para controlar o príncipe. Com o tempo, Tartufo foi ficando cansado da sua intensa tarefa, pois também tinha suas próprias emoções e sentimentos. Chegando a idade de o príncipe se casar, foi-lhe preparado um baile para a escolha da noiva, mas ele teve uma crise em plena festa. Procuraram o bobo, mas ele havia se recolhido para ficar em contato com seus próprios sentimentos. A irmã de Tartufo entrou em cena disfarçadamente, vestida de bobo, para realizar a tarefa do seu irmão. O príncipe se encantou com ela e eles acabaram se casando.

No livro, o príncipe manifesta um conjunto de sentimentos diretamente ligados a raiva, como aborrecimento e intolerância a frustração, gerando, assim, um descontrole emocional com o qual não conseguia lidar. As reações negativas

são representadas por uma nuvem negra, que nos faz pensar em causas veladas na história, como a tristeza experienciada por ele. O descontrole de lidar com esses sentimentos certamente está ligado a desejos interrompidos, que foram superados por atitudes de amor e muito bom humor.

PERGUNTAS, REFLEXÕES E METÁFORAS:

● **Quais sentimentos vemos nesse livro?**

Sugestão de mediação: Conversar com as crianças e os adolescentes sobre os comportamentos de descontrole que podem causar medo nas pessoas. Pedir que falem sobre a tristeza e a raiva ocasionadas pelas frustrações e sugerir formas de como eles podem lidar com esses sentimentos, parando para pensar, respirando calmamente e se relacionando com pessoas que poderão acolher e partilhar os sentimentos. Refletir com os pais sobre a forma de lidar com a raiva de seus filhos, mostrando que a postura que expressam para as crianças e para os adolescentes é fundamental para aumentar ou diminuir o problema, e refletirá também em um aprendizado para eles. Na história, essas ações eram “terceirizadas” para um bobo da corte, mas é interessante provocar uma discussão: Por que não a família assumir essa postura?

● **Quem é o Tartufo na vida de vocês?**

Sugestão de mediação: Ajudar os pais a identificar e entender a função do comportamento de birra e fúria nos filhos. É uma forma de chamar a atenção? É uma curiosidade? Ajude-os a identificarem as motivações que levam os filhos a agir assim, bem como as atitudes que tomaram logo em seguida a esses comportamentos. É importante que eles percebam qual foi o gatilho que levou a criança ou o adolescente a começar a agir dessa maneira. As características próprias da criança são grandes influenciadoras de como os pais lidam com elas. Acreditar erroneamente que esses comportamentos são da genética e rotular a criança com pensamentos como “*é igualzinha ao pai...*” pode criar uma barreira que atrapalha os pensamentos alternativos e criativos para ajudar a criança. É importante que os pais reflitam sobre a possibilidade de ajuda profissional, psicológica, suporte médico, quando for o caso, e no auxílio por parte de pessoas envolvidas com a criança ou o adolescente, como outros parentes, cônjuge, amigos.

ALGUNS EXEMPLOS DE RELATOS

TRANSCRIÇÃO DE FALA:

Mãe 1: “A ajuda pode vir de quem a gente menos espera, ou às vezes menos-preza”.

Mãe 2: “A história é como a nossa vida, a nuvem negra é como os nossos problemas e é difícil lidar com eles, mas não temos uma ajuda, o Tartufo. Lidar com os problemas não é de uma hora para a outra, mas de repente vai acontecer essa magia. Quando a gente colocar em prática o que se escuta, esse amor vai acontecer”.

Mãe 3: “A história é o que temos aprendido aqui. Vejo as minhas evo-

luções na forma de lidar com o meu filho e já consigo ter um autocontrole, me colocar de forma adequada, dando limite ao filho”.

Criança 1: “Raiva e amor. A raiva como sendo do príncipe e o amor que foi o sentimento que o ajudou”.

Pai 1: “O bobo tenta ajudar o príncipe se desgastando; já a irmã dele consegue lidar com o problema de um jeito diferente. Ao me abrir para o afeto, as relações podem mudar”.



FICHA DA 7ª SESSÃO

LIVRO: TARTUFO

PERGUNTAS:

- Quais sentimentos vemos nesse livro?
- Quem é o Tartufo na vida de vocês?

Faixa etária: 3 a 5 anos

Para essa faixa etária, é importante o profissional antecipar a leitura e depois contar a história. Ele deve mudar a entonação da voz e diferenciá-la entre os personagens. Essa técnica ajuda a manter a atenção das crianças, tornando o momento mais divertido. Para a roda de conversa, leve o livro dentro de uma caixa ou baú para estimular a curiosidade da criança.

Material: emojis expressando tristeza, raiva, medo, alegria, frustração. Copos descartáveis e barbantes.

- Após ouvir a história, apresentar os emojis e nomear os sentimentos relacionados a cada um.
- Confeccionar um telefone com as crianças, utilizando copos descartáveis ou latas de massa de tomate e barbante.
- Colocar as crianças em duplas. Cada dupla deve receber um telefone construído com barbante.
- Orientar que precisam falar uma palavra para que o outro a escute e a reproduza.
- Fazer a mesma coisa com frases.
- Conversar com as crianças sobre como podemos dizer uma coisa e o outro entender de forma diferente do que dissemos. Trabalhar com os emojis as emoções que podem surgir quando alguém não nos entendem.

Faixa etária: 6 a 11 anos

Material: dois copinhos descartáveis ou latas, barbante.

- Após contar a história, fazer a brincadeira do telefone sem fio para que possam perceber como uma informação pode ser modificada até chegar ao destino final. Isso é um processo natural, ao qual não pode ser atribuída maldade ou culpa.

Faixa etária: 12 a 16 anos

- Após a leitura da história explicar que representarão, com uma brincadeira como as informações podem chegar ao destino: telefone sem fio.
- Explicar como as palavras podem chegar ao destino de maneira distorcida.
- Quais sentimentos florescem nesses momentos?

8ª SESSÃO

Temática: Birra, agressividade.

Livro: *O último golpe de Alvinho*

Autoria: Ruth Rocha

Ilustrações: Suppa

Editora: Moderna

Ano de publicação: 2010



Objetivos específicos:

- Reconhecer as próprias emoções e as do outro, especificamente relacionadas a raiva, frustração e comportamentos relacionados com a birra.
- Propiciar o gerenciamento de emoções e sentimentos relacionados a raiva.
- Desenvolver a empatia.
- Desenvolver estratégias relacionadas ao controle de impulso.
- Desenvolver estratégias de resolução de problemas.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO LIVRO

A história fala do comportamento de uma criança birrenta tanto no contexto familiar como com a professora. A resposta da família para esse comportamento já havia se instalado: sempre ceder às vontades do Alvinho, com medo de que fosse uma doença e que o problema piorasse. Mas, para ele, essa era a forma de ter o que queria. Até que chegou a vez de receber um não da turma da escola, que reagiu de modo diferente dos seus familiares. De um jeito bem-humorado, fizeram Alvinho entender que deveria parar com os comportamentos destemperados.

Os ataques de birra do personagem aumentavam graças ao reforço dado pelos familiares, os quais faziam sempre tudo o que Alvinho queria. Outro ponto relevante é que desconhecer o desenvolvimento da criança pode gerar a falsa crença de que os excessos comportamentais de se jogar no chão ou gritar podem ser uma doença. Observar e intervir adequadamente nesses problemas gera tempo e paciência, o que pode ser bastante trabalhoso para os cuidadores.

Os colegas da escola foram mais efetivos, fazendo com que Alvinho mudasse seu comportamento, pois usaram a criatividade para lidar com as birras do amigo de forma leve e engraçada.

PERGUNTAS E METÁFORAS:

- **Qual era o sentimento de Alvinho quando queria algo que não podia ter?**

Sugestões de Mediação: Ajudar as crianças e os adolescentes a identificar os sentimentos aversivos de raiva, ira e frustração, que normalmente apareciam quando Alvinho era contrariado. Diferenciar esses sentimentos dos comportamentos que produzem agressividade ao outro, a si mesmo ou a objetos. Refletir com as crianças que os sentimentos de frustração que levam à agressividade podem ser administrados se pudermos entender o que sentimos e pensamos e, se nos esforçarmos para isso, podemos ter ganhos muito prazerosos, como manter as pessoas por perto e viver em harmonia com quem nos cerca.

- **É possível não sentir raiva?**

Sugestão de mediação: Conversar com as crianças e com os adolescentes sobre a expressão dos sentimentos ruins e explicar que sentir raiva faz parte do desenvolvimento das pessoas. Procure diminuir nas crianças e nos adolescentes a culpa de às vezes sentirem raiva. O que se propõe aqui é como lidar com esses sentimentos desagradáveis, e não julgá-los.

- **Qual é o sentimento de ver no outro nosso próprio comportamento?**

Sugestão de mediação: Ajudar as crianças e os adolescentes a observar no outro o seu próprio comportamento e a perceber que esses comportamentos podem aumentar os problemas no convívio familiar e social.

ALGUNS EXEMPLOS DE RELATOS

TRANSCRIÇÃO DE FALA:

Criança 1: *“Raiva, tristeza, inveja, frustração”.*

Criança 2: *“Acho que não; ele poderia segurar a raiva dele”.*

Criança 3: *“Ele agiu com violência, foi*

mal-educado. Acho que se ele contasse, uma porta se fecharia para ele” (referindo-se aos comportamentos de birra).

Criança 4: *“É como um espelho”* (referindo-se a ver no outro essa raiva).

Mãe 1: *“Ele fazia isso porque sabia que conseguiria tudo da mãe. Se a mãe descobrisse o último golpe de Alvinho, não perguntaria mais”.*

Mãe 2: *“Quando a B. chegou aqui, ela ficou muito agressiva, a ponto de bater em mim e no pai dela. Uma vez a gente tava no shopping e ela começou a ficar brava. E aí eu chamei o segurança e fingi que ia embora. Depois ela ficou calminha”.*

Terapeuta: (pergunta elaborada a partir do comentário de uma crian-

ça): E quando a gente se olha no espelho, a gente vê o quê? *“Me olho no espelho pra me arrumar.”* Seria para se melhorar? *“Sim, a turma fez ele se espelhar e ver como o comportamento é inadequado.”*

Mãe 3: *“Acho que, muitas vezes, a gente não tem noção de como fica porque vem meio que no automático e choca! Daí a gente vê que coisa feia! Não é legal! No outro não é legal, e em você?”.*



FICHA DA 8ª SESSÃO

LIVRO: O ÚLTIMO GOLPE DE ALVINHO

PERGUNTAS:

- Qual era o sentimento de Alvinho quando queria algo que não podia ter?
- É possível não sentir raiva?
- Qual é o sentimento de ver no outro nosso próprio comportamento?

Faixa etária: 3 a 5 anos

Para essa faixa etária, é importante o profissional antecipar a leitura e depois contar a história. Ele deve mudar a entonação da voz e diferenciá-la entre os personagens. Essa técnica ajuda a manter a atenção das crianças, tornando o momento mais divertido.

Para a roda de conversa, leve o livro dentro de uma caixa ou baú para estimular a curiosidade da criança.

Material: papel-cartão, velcro e emojis com sentimento de raiva, frustração, alegria e tristeza.

Confeccionar um cartaz em que as crianças possam fixar os emojis com velcro.

Importante ter no cartaz o nome das crianças, para que possam colocar o emoji na frente de seu nome.

- Após contar a história, cada criança deve encontrar qual emoji representa o sentimento do Alvinho.
- Depois, pedir que mostrem qual emoji representaria o sentimento deles se estivessem no lugar de Alvinho.
- Em seguida, pedir que coloquem no cartaz o emoji que represente o que estão sentindo naquele momento.
- Com essa dinâmica, a criança perceberá o que é frustração e aprenderá a ter empatia. Porém, a empatia não é aprendida em um único momento; será necessário experimentar em várias outras situações.

Faixa etária: 6 a 11 anos

- Após contar a história, explicar para as crianças como acontecerá a dramatização.
- Dramatização: o adulto deve imitar o comportamento de birra da criança e a criança se colocar no papel do adulto e tentar mediar a situação, resolvendo o problema.
- Após a encenação, pedir para as crianças contarem como se sentiram tendo que resolver o conflito e, juntos, chegar a um consenso para melhorar os comportamentos inadequados.

Faixa etária: 12 a 16 anos

- Após a leitura da história, explicar para os adolescentes como acontecerá a dramatização.
- Dividir a turma em dois grupos. Um terá o comportamento de birra e o outro, o de adulto. Depois, inverter os papéis, para que os dois grupos possam experimentar a sensação.
- Os adolescentes devem escrever os sentimentos envolvidos na raiva, podendo utilizar emojis.
- Formar um círculo e discutir a situação juntos para chegar a um consenso de como é possível melhorar esses comportamentos inadequados.

9ª SESSÃO

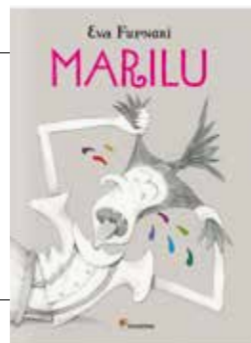
Temática: Humor irritável, intolerância a frustração, negativismo.

Livro: *Marilu*

Autoria e ilustrações: Eva Furnari

Editora: Moderna

Ano de publicação: 2012



Objetivos específicos:

- Reconhecer as próprias emoções e as do outro, especificamente relacionadas a raiva, frustração e comportamentos relacionados com a birra.
- Propiciar o gerenciamento de emoções e sentimentos relacionados a raiva.
- Desenvolver a empatia.
- Desenvolver estratégias relacionadas ao controle do impulso.
- Desenvolver estratégias de resolução de problemas.

BREVE DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO LIVRO

Marilu era uma menina que não via graça em nada. Sua vida era sem cor, cinza. Até que um dia viu uma menina usando uma lanterna que deixava tudo colorido e isso a fez desejar uma também. Marilu foi até a loja dos Pimpolhos, entrou e encantou-se com o colorido do lugar, mas teve que esperar até o dia seguinte para comprar a tão sonhada lanterna, que havia acabado, o que a fez reagir com um “chilique” de raiva. Mas voltou no dia seguinte e comprou sua tão sonhada lanterna. Ao sair da loja, tudo perdeu a cor outra vez e ela, muito insatisfeita, voltou para reclamar que a sua lanterna estava com defeito. Um dos Pimpolhos lhe mostrou, então, que não havia defeito nenhum, pois a lanterna estava apenas expressando como ela enxergava a vida. De forma descontraída, Marilu se torna amiga dos Pimpolhos, que a ajudam a enxergar as coisas de um modo colorido.

Na história, percebemos Marilu cansada, melindrosa, facilmente irritável, o que nos leva a conjecturar cansaço de uma rotina que transformou em

cinza o seu dia a dia. No momento em que aprendeu uma maneira de deixar a vida mais alegre, com mais sentido, mesmo com simplicidade, Marilu passou a viver como tanto idealizava. A lanterna colorida representava a alegria, o sorriso, o bom humor, e até mesmo um jeito de dar leveza à vida, por meio de demonstrações de carinho e amor. A história mostra a importante lição dos Pimpolhos que pensavam que as coisas mais lindas da vida estavam na forma como olhavam, e que as coisas mais bobas podiam arrancar os mais sinceros sorrisos.

PERGUNTAS E METÁFORAS:

● O que acharam da história?

Sugestão de mediação: Investigar com os participantes quais partes da história lhes chamou mais a atenção. Conversar com as crianças sobre os “chiliques” de Marilu, e quais sentimentos trazemos para nós quando olhamos com o mesmo olhar que a Marilu tinha, já que o cinza representava o lado ruim e difícil da vida. Estimular as crianças e os adolescentes a pensar sobre os motivos que poderiam ter levado Marilu a ver a vida cinza. Refletir com as crianças que, quando Marilu ficava brava e dava um chique, era como se ela acreditasse que aquilo mudaria alguma coisa, mas será que mudava? Estimular as crianças e os adolescentes a transformar em linguagem a vontade de dar chiques, comunicando o que sentem a alguém em quem confiam.

● Perguntar para as crianças se conhecem pessoas que vivem mal-humoradas.

Sugestão de mediação: Deixar que as crianças e os adolescentes se expressem sobre esse comportamento neles mesmos ou no outro. Questionar quando conseguem ficar de bom humor.

● O que Marilu descobriu com os novos amigos?

Sugestão de mediação: Discutir com o grupo sobre coisas que vão lhes fazer olhar a vida de um jeito diferente. Conversar com as crianças e os adolescentes sobre pessoas que os ajudam a olhar a vida de um jeito melhor. Dialogar com os pais sobre a metáfora dos Pimpolhos. O que representam os Pimpolhos? Estimular um diálogo com as crianças e os adolescentes

sobre a persistência e sobre o que fez Marilu mudar a forma de ver a vida, indagando se ela foi atendida de imediato. Apontar as emoções que aparecem na personagem, como a raiva. Marilu ficou muito brava na hora em que teve um desejo interrompido, mas isso não a fez desistir e, como queria muito a lanterna, não deixou de ir lá buscá-la.

ALGUNS EXEMPLOS DE RELATOS

TRANSCRIÇÃO DE FALA:

Criança 1: *“Tudo dá errado, tudo é cinza. Às vezes dou um chilique”.* A mãe complementa que faz isso quando quer mudar alguma coisa.

Criança 2: *“Porque ela tem um lado ruim e um lado bom, e ela olhava só pro ruim”.* (Por que ela via tudo cinza?)

Criança 3: *“Eu, e tem o meu bisavô”.* Conta uma frase engraçada que o bisavô falava. (Quando questionado se conhece alguém que vive mal-humorado.)

Criança 4: *“Meu avô materno: ninguém consegue fazer ele sorrir. Com o cachorro ele sorri, mas com a minha avó ele briga”.* (Você conhece alguém que vive mal-humorado?)

Criança 5: *“Ela descobriu que o mundo não é todo cinza”.*

Criança 6: *“Os nossos pais”.* (Quem ajuda vocês a olharem a vida de um jeito melhor?)

Mãe 1: *“Sim, aqui a gente troca experiências e vê que não estamos só”.* (O HDI – referência ao Hospital Dia Infantil do IPq – HC – FMUSP –, são os Pimpolhos?)

Mãe 2: *“Tem que respeitar as regras na hora. Ela ficou brava por isso, porque ela queria as coisas no tempo dela, e as coisas não têm que ser no tempo das Marilus da vida. É no tempo que tem que ser. Ai ela foi e aceitou as regras, ela teve que aceitar a regra, ai ela voltou lá e teve que fazer as coisas diferente”.*

Mãe 3: *“Às vezes a gente recebe não de alguma coisa, mas é um não com alguma verdade, alguma clareza. A gente precisa clarear os nossos olhares pra experimentar coisas novas. Não adianta ficar persistindo no erro”.*



FICHA DA 9ª SESSÃO

LIVRO: *MARILU*

PERGUNTAS:

- O que acharam da história?
- Perguntar para as crianças se conhecem pessoas que vivem mal-humoradas.
- O que Marilu descobriu com os novos amigos?

Faixa etária: 3 a 5 anos

Para essa faixa etária, é importante o profissional antecipar a leitura e depois contar a história. Ele deve mudar a entonação da voz e diferenciá-la entre os personagens. Esta técnica ajuda a manter a atenção das crianças, tornando o momento mais divertido.

Para a roda de conversa, leve o livro dentro de uma caixa ou baú para estimular a curiosidade da criança.

Material para fazer um caleidoscópio: cartolina preta, papel alumínio, papel celofane transparente incolor, miçangas coloridas (podem ser lantejoulas coloridas), fita adesiva, tesoura, furador, giz de cera branco ou giz de lousa, régua e cola.

Modo de fazer: Corte um retângulo de 20 cm x 17 cm da cartolina preta e cole um retângulo com as mesmas medidas do papel alumínio em um dos lados.

No lado preto, trace três linhas pontilhadas, com giz de cera branco ou giz de lousa branco, de 5 cm entre uma linha e outra. Sobrarão 2 cm.

Dobre usando as linhas como referência, deixando o papel alumínio para dentro.

Use os 2 cm de cartolina que sobraram para dobrar e colar com fita adesiva as extremidades abertas, formando um canudo triangular.

No pedaço que sobrou da cartolina preta, desenhe um triângulo, usando o canudo triangular como molde, e deixe uma aba com 1 cm de cada lado do triângulo, para que possa dobrar e colar por dentro do canudo triangular, fechando essa abertura. Antes de colar, faça um furo no centro do triângulo com um furador, pois esse lado servirá para olhar dentro do caleidoscópio.

Depois, corte 2 pedaços de papel celofane em círculo com tamanho suficiente para tampar a outra extremidade do canudo, que está aberta.

Com fita adesiva, cole um dos pedaços do papel celofane na extremidade aberta.

Posicione o canudo triangular em pé (a abertura com o celofane para cima) e, sobre ele, coloque algumas miçangas (ou lantejoulas) de cores variadas. Coloque o outro pedaço de celofane por cima e cole ao redor, com fita adesiva, de modo a deixar as miçangas ou lantejoulas entre os dois papéis.

Está pronto o caleidoscópio!

- Após escutar a história, confeccionar com as crianças o caleidoscópio.
- Pedir para as crianças olharem do lado do canudo triangular em que há o furo. À medida que viram o caleidoscópio, veem diferentes formas e cores.
- Aproveite a oportunidade para conversar com as crianças sobre a importância de buscar alternativas quando não se consegue o que quer. Não precisamos ficar mal-humorados nem desistir dos nossos sonhos.

Obs.: Para as crianças de três anos, é melhor sugerir que levem um caleidoscópio pronto para poder brincar e digam quais formas e cores estão vendo, associando com a história.

Faixa etária: 6 a 11 anos

Material para fazer um caleidoscópio: cartolina preta, papel alumínio, papel celofane transparente incolor, miçangas coloridas (podem ser lantejoulas coloridas), fita adesiva, tesoura, furador, giz de cera branco ou giz de lousa, régua e cola.

Modo de fazer: Corte um retângulo de 20 cm × 17 cm da cartolina preta e cole um retângulo com as mesmas medidas do papel alumínio em um dos lados.

No lado preto, trace três linhas pontilhadas, com giz de cera branco ou giz de lousa branco, de 5 cm entre uma linha e outra. Sobrarão 2 cm.

Dobre usando as linhas como referência, deixando o papel alumínio para dentro.

Use os 2 cm de cartolina que sobraram para dobrar e colar com fita adesiva as extremidades abertas, formando um canudo triangular.

No pedaço que sobrou da cartolina preta, desenhe um triângulo, usando o canudo triangular como molde, e deixe uma aba com 1 cm de cada lado do triângulo, para que possa dobrar e colar por dentro do canudo triangular, fechando essa abertura. Antes de colar, faça um furo no centro do triângulo com um furador, pois esse lado servirá para olhar dentro do caleidoscópio.

Depois, corte 2 pedaços de papel celofane em círculo com o tamanho suficiente para tampar a outra extremidade do canudo, que está aberta.

Com fita adesiva, cole um dos pedaços do papel celofane na extremidade aberta.

Posicione o canudo triangular em pé (a abertura com o celofane para cima) e, sobre ele, coloque algumas miçangas (ou lantejoulas) de cores variadas. Coloque o outro pedaço de celofane por cima e cole ao redor, com fita adesiva, de modo a deixar as miçangas ou lantejoulas entre os dois papéis.

Está pronto o caleidoscópio!

- Após escutar a história, confeccionar com as crianças o caleidoscópio.
- Pedir para as crianças olharem do lado do canudo triangular em que há o furo. À medida que viram o caleidoscópio, veem diferentes formas e cores.
- Aproveite a oportunidade para conversar com as crianças sobre a importância de buscar alternativas quando não se consegue o que quer. Não precisamos ficar mal-humorados nem desistir dos nossos sonhos.

Faixa etária: 12 a 16 anos

Material: papel-crepom escuro, furador, elástico e tesoura.

- Após ouvir a história e destacar os sentimentos de Marilu, confeccionar com os adolescentes uma máscara para tapar os olhos, como aquelas que utilizamos para dormir.
- Em roda de conversa, eles devem colocar a máscara e contar qual é a sensação e o que podem enxergar naquele momento.
- Perguntar se é possível resolver algum problema sem enxergar. Comentar que às vezes vemos os problemas assim, como num mundo cinza.
- Discutir como é possível enfrentar um problema e ter um olhar mais colorido para tentar resolvê-lo da melhor forma possível.
- Depois que todos tirarem as máscaras, pedir para que reflitam se enxergar a situação de outra forma ficará mais fácil de tentar solucionar o problema.
- Ficar mal-humorado vai ajudar a olhar para o problema de outra forma e tentar resolver?

10ª SESSÃO

Temática: Compartilhar ideias, rótulos, pensamentos a respeito do filho.

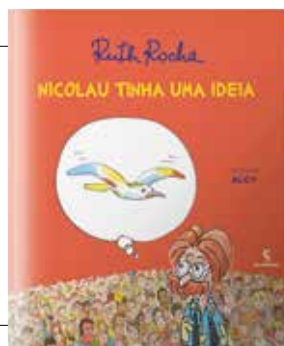
Livro: *Nicolau tinha uma ideia*

Autoria: Ruth Rocha

Ilustrações: Alcy

Editora: Salamandra

Ano de publicação: 2014



Objetivos específicos:

- Reconhecer as próprias emoções e as do outro, aceitando-as sem julgamento.
- Desenvolver a empatia.
- Desenvolver estratégias relacionadas à consciência social e ao respeito ao próximo.
- Desenvolver estratégias de resolução de problemas.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO LIVRO

O livro conta sobre um lugar em que cada pessoa tinha uma única ideia na cabeça e não a compartilhava com ninguém. Até que surge um homem chamado Nicolau, que resolveu compartilhar sua ideia de pessoa a pessoa, de tal modo que foi construindo cada vez mais ideias novas em sua cabeça, ligando a ideia que tinha às que ouvia. As pessoas também passaram a pedir para ele contar suas novas ideias, tanto que, com o tempo, ele teve que arranjar um lugar grande onde pudesse contar às crianças tais ideias.

A história fala sobre compartilhar o que se pensa (comunicação), pois, quando pensamos e trocamos, aumentamos a possibilidade de ideias novas, de caminhos não imaginados. As pessoas da história não compartilhavam seus pensamentos com os demais que se encontravam ali até a chegada de Nicolau, que conseguiu ser essa ponte e, de alguma forma, influenciar as pessoas a compartilharem também suas ideias, sem medo de julgamentos, apenas trocando e ampliando sua forma de olhar o mundo.

PERGUNTAS E METÁFORAS:

- **Qual é a sua ideia?**

Sugestão de mediação: Pedir para as crianças e os adolescentes expressarem seus pensamentos e preocupações. Conversar com eles sobre as ideias trazidas e perguntar se estão abertos a não somente falar o que pensam, mas a ouvir e respeitar o pensamento do outro. Perguntar se fazem isso com seus pais e amigos e sugerir aos pais que falem sobre isso com seus filhos.

É importante que eles percebam, nessa troca de ideias, a possibilidade de conhecer o outro e de trocarem vivências com seus familiares como forma de também conhecerem a história de sua família.

- **Qual é a ideia que vocês têm sobre os filhos?**
- **Qual é a ideia que vocês têm sobre seus pais?**
- **Qual é a ideia que vocês têm sobre si mesmos?**
- **Qual é a ideia?**

Quando deixamos em aberto essa possibilidade, damos um leque infinito de pontos de vista sem julgamentos ou pré-conceitos.

Sugestão de mediação: Conversar com os pais sobre a influência dos seus pensamentos sobre seus filhos, e comentar que algumas vezes esses pensamentos podem se transformar em rótulos, fazendo com que as crianças se sintam classificadas com uma ideia ruim, como serem desobedientes ou preguiçosas, dificultando um relacionamento mais saudável entre pais e filhos e, por vezes, limitando o seu desenvolvimento. Sugerir aos pais para filtrar os pensamentos, as palavras, e comentar o quanto isso pode influenciar positiva ou negativamente na vida da criança e do adolescente. Questionar ainda sobre como formamos as nossas ideias e como podemos alimentar ideias.

- **Qual é a vantagem de ter uma ideia?**
- **Qual é a vantagem de ter várias ideias?**
- **Qual é o impacto em nossa vida?**

Sugestão de mediação: Será que o importante não é ver outras possibilidades? Vamos construindo esses pensamentos, por isso a importância de irmos alimentando nossas ideias de uma forma positiva.

Ajudar os grupos a refletir sobre a forma como veem o mundo, as pessoas e a si mesmos, tomando o cuidado com os julgamentos e pré-conceitos. Falar também sobre a importância de estarem abertos a ouvir opiniões diferentes. Convide os pais a refletir sobre o que os filhos estão vendo e ouvindo deles, pedir para tomarem o cuidado de não criar uma ideia negativa relacionada aos filhos, não os rotular. Conversar também com os pais se estão abertos ao tratamento.

● **As atitudes de Nicolau podem ser comparadas a quê?**

Os temas relacionados possibilitaram discussões sobre ouvir o outro e a dificuldade de as crianças e os adolescentes ouvirem os pais, colegas, professores.

ALGUNS EXEMPLOS DE RELATOS

TRANSCRIÇÃO DE FALA:

Criança 1: *“O Nicolau ia dividindo suas ideias com todos. Se você misturar sua ideia com a de outra pessoa, você pode chegar a uma conclusão”.*

Criança 2: *“Eu tenho uma ideia, de empinar bicicleta”.*

Criança 3: *“É o meu último dia das crianças na vida, porque vou ficar adolescente e minha mãe quer me dar uma bicicleta e não um Nintendo wii PT”.*

Criança 4: Diz que sua ideia é jogar futebol.

Criança 5: Conta que a sua ideia é fazer slime.

Mãe 1: *“A. P. diz que sua ideia é ir na casa da B. nas férias”.*

Mãe 2: *“A gente nunca pensou ou se atentou a buscar uma nova ideia, mas agora a gente se preocupou a buscar*

outra opinião...” (referindo-se ao tratamento do filho).

Mãe 3: *“As crianças não querem acatar a ideia dos pais”.*

Mãe 4: *“Podemos chamar o HDI de um codinome Nicolau”.*

Mãe 5: *“Uma pessoa cheia de potencial”.* JP responde *“– Será??”* A mãe continua: *“Você tem dúvida?”* (Referindo-se à ideia que tem sobre o filho.)

Mãe 6: *“Por exemplo, o medo, se eu vejo um cabide no escuro e penso outra coisa... se eu não olhar direito, posso ficar com uma ideia distorcida da realidade”.*

Mãe 7: *“O comportamento deles tem mais a ver com o nosso comportamento”.*

FICHA DA 10ª SESSÃO

LIVRO: NICOLAU TINHA UMA IDEIA

PERGUNTAS:

- Qual é a ideia que vocês têm sobre os filhos?
- Qual é a ideia que vocês têm sobre seus pais?
- Qual é a ideia que vocês têm sobre si mesmos?
- Qual é a ideia?
- Qual é a vantagem de ter uma ideia?
- Qual é a vantagem de ter várias ideias?
- Qual é o impacto em nossa vida?
- As atitudes de Nicolau podem ser comparadas a quê?

Faixa etária: 3 a 5 anos

Para essa faixa etária, é importante o profissional antecipar a leitura e depois contar a história. Ele deve mudar a entonação da voz e diferenciá-la entre os personagens. Essa técnica ajuda a manter a atenção das crianças, tornando o momento mais divertido.

Para a roda de conversa, leve o livro dentro de uma caixa ou baú para estimular a curiosidade da criança.

Material: sagu, corante comestível da cor que preferir, cartolina.

- O profissional deve cozinhar o sagu com o corante comestível e sem açúcar.
- Cortar a cartolina ao meio e distribuir um pedaço para cada criança. A cartolina servirá como um “jogo americano”.
- Colocar uma pequena porção de sagu cozido em cima da cartolina, para que a criança possa experimentar as sensações e compartilhar as ideias que surgirem com os amigos.

Faixa etária: 6 a 11 anos

Material: papel sulfite, lápis de cor, canetinha, lápis grafite, borracha.

- As crianças devem fazer um desenho expressando qual a ideia que elas têm sobre a forma como enxergam os problemas.
- Finalizar com a exposição das ideias e discussão sobre a conclusão a que chegaram.

Faixa etária: 12 a 16 anos

Material: azulejo branco 15 x 15 cm, cola colorida e verniz.

- Após a leitura do livro, explicar que cada um desenhará uma ideia no azulejo, com cola colorida, porém terá que compartilhar essa ideia com o amigo, que deverá dar continuidade ao desenho, completando com sua própria ideia ou melhorando a ideia do outro, e assim sucessivamente.
- Ao terminar o desenho no azulejo, esperar secar a cola colorida e passar uma camada de verniz para que fixe a pintura.
- Cada um deve expor seu ponto de vista em relação à ideia do amigo, sem desmerecê-la, e comentar como foi aprender a ouvir e a construir juntos.
- Discutir sobre as conclusões a que chegaram.

11ª SESSÃO

Temática: Mentira, segredos, afetar os outros com o que falamos.

Livro: *As coisas que a gente fala*

Autoria: Ruth Rocha

Ilustrações: Renato Moriconi

Editora: Salamandra

Ano de publicação: 2012



Objetivos específicos:

- Reconhecer as próprias emoções e as do outro, especificamente ligadas a tristeza e desprezo.
- Propiciar o gerenciamento de emoções e sentimentos relacionados a tristeza.
- Desenvolver a empatia.
- Desenvolver a consciência social e o respeito ao próximo.
- Desenvolver estratégias de resolução de problemas.

BREVE DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO LIVRO

A narrativa descreve a comunicação envolvendo as palavras, a forma como são faladas, bem como a resposta para quem ouve, pois podem gerar má interpretação. No livro, uma criança chamada Gabriela colocou a culpa no Filisteu por ter quebrado o vaso da mãe. Para infelicidade do menino, outras pessoas acabaram escutando, inclusive o pai, que já planejou as consequências para esse comportamento. Ao reconhecer que o que havia feito não estava certo, Gabriela tomou a iniciativa de confessar o erro e tentar repará-lo.

A criança desenvolve a linguagem verbal desde muito cedo, agregando valores morais em sua vida. O comportamento de mentir está presente em alguns momentos desse desenvolvimento, e lidar com isso requer habilidade das pessoas que estão responsáveis pela criança. Na história, vemos que Gabriela tentou manter sua versão até perceber que estava sendo injusta com seu amigo Filisteu, e isso revela uma capacidade importantíssima da menina: a de reconhecer suas ações, voltar atrás e falar a verdade.

APLICAÇÃO PRÁTICA / REFLEXÕES E METÁFORAS:

● Vocês conhecem alguém que mente?

Sugestão de mediação: Conversar com as crianças e os adolescentes sobre a mentira, pedindo para citarem se já viveram situações semelhantes às da história. Explorar os possíveis prejuízos que podem acontecer quando as pessoas falam sem pensar e questionar se isso já aconteceu com elas ou com alguém que conhecem.

● Vocês acham que a menina se arrependeu?

● O que ela fez para reparar a mentira?

Sugestão de mediação: O que faz a menina reconhecer onde errou e tentar reparar o erro? Perguntar às crianças e aos adolescentes quais prejuízos foram causados ao Filisteu com as mentiras e pedir que contem se já viram algo parecido acontecer. Questionar os pais sobre como agem quando percebem que alguém está mentindo.

ALGUNS EXEMPLOS DE RELATOS

TRANSCRIÇÃO DE FALA:

Adolescente: “Quando fico com raiva, aí dá creu. Às vezes não pode mentir: tem que falar a verdade”.

Mãe da adolescente: “A gente peca por omissão também. Às vezes a gente deixa de dizer uma coisa que é importante para aquela pessoa, aí é omissão. Como consertar algo”. A mãe fala dirigindo-se à filha: “Sabe aquele negócio que o papai fez, com o papel que amassou? Assim, depois o papel não fica mais do mesmo jeito. Às vezes, quando você não usa bem as palavras, acontece a mesma coisa: você machuca uma pessoa; uma pessoa pode até perdoar você, mas não fica a mesma coisa: a pessoa sempre fica lembrando daquela coisa triste que você disse para ela”. “O pai deles faz isso com

ela e o irmão” (explica para as terapeutas). “Tudo pode ser dito, depende só da forma como você diz. Por exemplo: você não é doido; você só não funciona bem das suas faculdades mentais”.

Profissional: “O que se perde com o papel amassado?”

Mãe: “A confiança; pra não machucar as pessoas”.

Mãe: “Temos que falar a verdade”.

Profissional: “Você conhece alguém que mente?”

Adolescente: “Sim. Susy. É uma amiga”.

Criança 1: “Eu conheço! O Pedrinho. É um cara que ele fala: ‘eu tenho um iPhone x de ouro, eu tenho um videogame de ouro’”.

Outra mãe responde: “A gente sabe que não tem videogame de ouro”.

Criança 2: “Eu conheço também: tem um menino da minha rua que ele fala que tem uma bicicleta e, quando vai ver, ele pede para andar na de todo mundo. Ele disse que comprou uma bicicleta de 20 reais e não apareceu até hoje lá na rua...”

A mãe da criança 2 explica: “Ele não é carente financeiramente, mas os pais tiram tudo. O pai prefere investir nos estudos do que dar uma bicicleta, uma bola... ele não tem nada. Eu ensino muito os meus a dividir: pô, ele não tem, deixa ele andar” – estimulando o filho a partilhar.



FICHA DA 11ª SESSÃO

LIVRO: AS COISAS QUE A GENTE FALA

PERGUNTAS:

- Vocês conhecem alguém que mente?
- Vocês acham que a menina se arrependeu?
- O que ela fez para reparar a mentira?

Faixa etária: 3 a 5 anos

Para essa faixa etária, é importante o profissional antecipar a leitura e depois contar a história. Mudar a entonação da voz e diferenciá-la entre os personagens. Essa técnica ajuda a manter a atenção das crianças, tornando o momento mais divertido. Leve o livro para a roda de conversa dentro de uma caixa ou baú para estimular a curiosidade da criança.

- Após contar a história, propor para as crianças a brincadeira “O dia da verdade”.
- Comentar que elas seguirão as mesmas regras da brincadeira “Vaca amarela”.
- Será cantado:
“A criança pulou a grade
Quem falar a verdade
Ganhará uma amizade”
- Depois de cantar, as crianças só podem dizer palavras que expressam a verdade, mas oriente-as de que não podem ser palavras que ofendam ou desrespeitem os amigos.
- Depois da brincadeira, as crianças devem sentar em círculo para uma conversa sobre a verdade. Comente que às vezes não é fácil dizer a verdade, mas explique que sempre é a melhor escolha.

Obs.: Com as crianças de três anos, apenas brincar de falar a verdade e depois conversar em roda sobre a importância de falar a verdade. Oriente-as a utilizar o emoji para representar como as pessoas se sentem quando escutam a verdade.

Faixa etária: 6 a 11 anos

Material: papel-cartão colorido, tiras de papel, caneta esferográfica.

- Após contar a história, dar tiras de papel para que as crianças escrevam expressões, frases ou palavras.
- Em uma tira de papel, com tamanho adequado para que a criança consiga escrever uma palavra, frase ou expressão, orientar que as crianças escrevam palavras, frases ou expressões que podem gerar confusão, como por exemplo: chato, burro, não sabe de nada, você é muito fofoqueiro, aquela menina não gosta de você, disseram para mim que você é insuportável...
- Em outra tira de papel, também com tamanho adequado para que a criança consiga escrever palavra, frase ou expressão, orientar que escrevam palavras, frases ou expressões que podem reparar a confusão criada anteriormente, como, por exemplo: burro-inteligente, chato-legal, você é fofoqueiro -você é confiável, aquela menina não gosta de você-antes de dizer qualquer coisa precisa conhecê-la melhor, disseram para mim que você é insuportável-gosto de estar com você...
- Fazer dois balões conforme modelo do anexo (página 100) com papel-cartão colorido.
- Colar nos balões, feitas de papel-cartão colorido, as expressões, frases ou palavras.
- Em um balão, colar as palavras, frases ou expressões que podem gerar confusão.
- No outro balão, colar as palavras, frases ou expressões que podem reparar a confusão.
- Essa atividade pode ser feita em grupo.
- Depois que terminar a atividade com os balões, formar um círculo com as crianças ou grupos e socializar as palavras, frases ou expressões pensadas por eles.
- O profissional deverá mediar uma reflexão sobre as palavras, frases e expressões que podem gerar consequências positivas ou negativas durante o conflito.

Faixa etária: 12 a 16 anos

Material: sulfite e caneta hidrocor.

Dinâmica: Os adolescentes devem formar dois grupos. Um dos grupos terá de apresentar palavras ou situações que geram confusão. O outro grupo terá de reparar a confusão tentando resolver o problema.

- Após ouvirem a história, separar as turmas em grupos para fazer a dinâmica.
- Durante a dinâmica, o profissional deverá mediar a discussão entre os grupos para ajudar os adolescentes a encontrar uma resposta mais adequada para aquele momento do conflito.
- Finalizar com os adolescentes refletindo sobre como poderiam evitar essas palavras que geram confusão.
- Sugerir que cada adolescente, em uma sulfite com canetinha, crie frases motivadoras e a fixe na sala de aula para servir de estímulo e reflexão.

12ª SESSÃO

Temática: Transformação, processo de mudança.

Livro: *A primavera da lagarta*

Autoria: Ruth Rocha

Ilustrações: Madalena Elek

Editora: Salamandra

Ano de publicação: 2011



Objetivos específicos:

- Reconhecer as próprias emoções e as do outro, especificamente ligadas a tristeza e desprezo.
- Propiciar o gerenciamento de emoções e sentimentos relacionados a tristeza e desprezo.
- Desenvolver a empatia.
- Desenvolver a consciência social e o respeito ao próximo.
- Desenvolver estratégias de resolução de problemas.

BREVE DESCRIÇÃO DA ANÁLISE DO LIVRO

A história se passa numa floresta e a protagonista é uma lagarta. Os animais se reúnem para protestar contra os comportamentos da lagarta: come todas as folhas, é preguiçosa, sem compromissos, feia. Apenas uma pequena minoria a defende e acha injustas as acusações dos outros animais. Os animais prosseguem em busca da lagarta até a chegada da primavera e se deparam com uma borboleta que afirma ser ela própria a lagarta que procuram. Os animais que a acusavam duvidam ser verdade, visto os inúmeros atributos da borboleta, que tem beleza, simpatia e leveza. A borboleta afirma que “toda lagarta tem seu dia de borboleta, é só esperar pela primavera...” e os convida a acompanharem esse processo de transformação. “É preciso ter paciência com as lagartas, se quisermos conhecer as borboletas...”

Por meio da história, é possível ver o processo de desenvolvimento emocional, físico e cognitivo da criança, bem como o tempo que transcorre para que essa transformação aconteça. A história também mostra que até pessoas próximas a nós podem subestimar nossas capacidades, entristecendo-nos.

PERGUNTAS E METÁFORAS:

● Quais transformações aconteceram na lagarta?

Sugestão de mediação: Conversar com as crianças e os adolescentes sobre as mudanças já enfrentadas e perguntar se foram rejeitados pelas pessoas que estavam ao seu redor. Pedir que comentem os comportamentos que aprenderam ou as habilidades que adquiriram ao longo da vida e que não se sentiam capazes de aprender, como andar de bicicleta, nadar, decorar a letra de uma música. Valorizar os recursos positivos das crianças e dos adolescentes e perguntar se naquela época alguém duvidou de sua capacidade de aprender. Por fim, pergunte o que desejam aprender agora para melhorar e em que lugar querem chegar.

● O que representa o casulo?

Sugestão de mediação: Discutir com os pais sobre as mudanças que percebem na vida das crianças e dos adolescentes, as evoluções vividas por eles em seu desenvolvimento e se conseguem expressar esses ganhos para a criança ou o adolescente.

● Quais são as transformações que percebem ou perceberam acontecer com vocês?

ALGUNS EXEMPLOS DE RELATOS

TRANSCRIÇÃO DE FALA:

Pai 1: “Vejo as mudanças e transformações que aconteceram com alguns pacientes que já saíram da internação, como o V., e na minha filha, que, embora presente ainda os momentos de raiva, já manifesta uma mudança”.

Adolescente 2: “O casulo é o tempo que passamos no HDI”.

Cuidador 2: “O casulo é o sofrimento que a borboleta teve que passar para se transformar”.

Mãe 1: “O casulo pode ser dentro de nós, a transformação parte de dentro para fora”.



© Madalena Elek

FICHA DA 12ª SESSÃO

LIVRO: A PRIMAVERA DA LAGARTA

PERGUNTAS:

- Quais transformações aconteceram na lagarta?
- O que representa o casulo?
- Quais são as transformações que percebem ou perceberam acontecer com vocês?

Faixa etária: 3 a 5 anos

Para essa faixa etária, é importante o profissional antecipar a leitura e depois contar a história. Ele deve mudar a entonação da voz e diferenciá-la entre os personagens. Essa técnica ajuda a manter a atenção das crianças, tornando o momento mais divertido.

Para a roda de conversa, leve o livro dentro de uma caixa ou baú para estimular a curiosidade da criança.

Material: tinta guache (cores primárias), potes plásticos para a mistura das tintas, colheres descartáveis, cartolina e fotos do processo de transformação das borboletas.

Use os potes plásticos para misturar as cores primárias, produzindo cores secundárias.

- Após contar a história, sentar com as crianças em uma roda de conversa e, com as fotos do processo de transformação da borboleta, pedir que observem e destaquem as diferenças.
- Depois, dizer que tudo a nossa volta sofre transformação e oferecer os materiais para experimentarem as mudanças que acontecerão com a mistura das cores e o que pode ser feito com elas depois de transformadas.
- Pedir que, na cartolina, façam desenhos com as cores que conseguiram com as misturas das tintas.
- Comentar que as transformações podem acontecer naturalmente, como aconteceu com a borboleta, ou podem acontecer por interferência de alguém, como aconteceu com as tintas.

Faixa etária: 6 a 11 anos

Material: cola colorida, papel canson.

- Dobrar o papel ao meio.
- Colocar gotas generosas de cola colorida sobre o papel.
- Dobrar novamente e pressioná-lo com a ponta dos dedos.
- Depois desdobrar o papel para ver o desenho que se formou.
- Discutir sobre a transformação que aconteceu com as gotas de tinta.
- Conversar com as crianças e levá-las a refletir sobre as transformações ocorridas ao longo da vida, desde bebês até hoje.

Faixa etária: 12 a 16 anos

Material: papel-cartão, papéis coloridos picados em quadradinhos, fotos dos adolescentes em diferentes fases da vida (bebê, com 5 anos, com 12 anos, com 15 anos), cola.

- Após a leitura da história, os adolescentes devem montar um painel.
- Cortar o papel-cartão em quadrados de 15 x 15 cm e distribuir quatro quadrados para cada adolescente. Depois, distribuir um punhado de papéis picados.
- Os adolescentes devem colar uma foto em cada quadrado e decorar com os papéis picados, construindo um mosaico.
- Depois, em roda de conversa, cada um deverá expor as mudanças que sofreu no decorrer do seu desenvolvimento.
- Agora, todos devem discutir sobre as possíveis transformações que sofreram ao longo de nossa vida e quais sentimentos estão envolvidos nesses momentos de metamorfose.

SUGESTÕES DE OUTROS LIVROS E NOVAS TEMÁTICAS

FICHA

Temática: Compartilhar opiniões, respeitar, relacionar

Livro: *O sanduíche da Maricota*

Autoria e ilustrações: Avelino Guedes

Editora: Moderna

Ano de publicação: 2017



Breve descrição do livro: A galinha Maricota está fazendo um sanduíche para o lanche. Mas sempre aparece alguém para dar palpite no seu sanduíche, para torná-lo mais gostoso, sob o ponto de vista de cada um...

Breve análise do livro: Essa história aborda vários momentos. O lanche pode estar conectado com o prazer, ou até mesmo em saciar a ansiedade. A bicharada envolve o ouvir, compartilhar e respeitar a opinião do outro. Porém, quando os animais começam a dar palpite no lanche da Maricota, nós refletimos sobre a influência que as pessoas têm umas sobre as outras, e o quanto elas estão dispostas a ceder para agradar o outro.

Faixa etária: 3 a 5 anos

Para essa faixa etária, é importante o profissional antecipar a leitura e depois contar a história. Ele deve mudar a entonação da voz e diferenciá-la entre os personagens. Essa técnica ajuda a manter a atenção das crianças, tornando o momento mais divertido.

Leve o livro para a roda dentro de uma caixa ou baú para estimular a curiosidade da criança.

Material: Receita de um sanduíche à escolha e os utensílios necessários para fazê-lo.

- O adulto e as crianças devem criar sanduíches saudáveis para que possam degustar.
- Todos devem trabalhar em grupo para que possam sugerir ideias, aprender a ouvir os outros e tentar chegar a uma solução, respeitando a opinião de todos do grupo.

Faixa etária: 6 a 16 anos

Material: Escolher uma receita simples que seja possível realizar no espaço destinado para a atividade. Utilizar os materiais e os utensílios descritos na receita.

Desenvolver um trabalho em grupo em que todos possam contribuir com ideias, respeitando a opinião dos outros.

- Após fazerem os sanduíches, todos devem experimentá-los e expressar suas opiniões. Permitir que todos façam críticas positivas ou negativas com relação aos ingredientes e à forma com que o sanduíche foi feito, permitindo criar novas possibilidades.

FICHA

Temática: Limites, frustração, conflito, proteção excessiva, perigo.

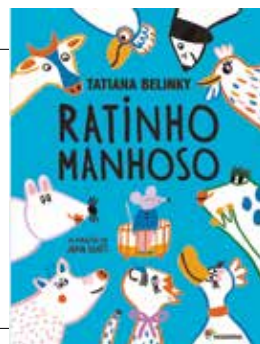
Livro: *Ratinho manhoso*

Autoria: Tatiana Belinky

Ilustrações: Jana Glatt

Editora: Moderna

Ano de publicação: 2017



Breve descrição do livro: Esse livro conta a história de um ratinho que queria impor suas vontades. No momento de dormir, ele pediu para sua mãe que cantasse, mas a voz dela não o agradou. Sua mãe, para satisfazer a vontade do filhote, chamou alguns animais para fazê-lo dormir, porém nenhum o agradou. Até que o gato se ofereceu, e, como a D. Rata já estava cansada, aceitou e não percebeu que colocou seu filhote em uma grande encrenca. Se não fosse o Tição, o cachorro, para salvá-lo, o ratinho estaria perdido.

Breve análise do livro: A história nos faz refletir sobre os limites que as crianças e os adolescentes precisam ter para se autorregular e se automonitorarem, apresentando comportamento mais adequado diante de uma situação de conflito ou mesmo de uma frustração. Quando o gato se aproxima com sua voz agradável, percebe-se o cuidado que é necessário ter com pessoas que se aproximam com algum tipo de interesse, não sendo sinceras na sua amizade.





Faixa etária: 3 a 5 anos

Para essa faixa etária, é importante o profissional antecipar a leitura e depois contar a história. Ele deve mudar a entonação da voz e diferenciá-la entre os personagens. Essa técnica ajuda a manter a atenção das crianças, tornando o momento mais divertido.

Leve o livro para a roda dentro de uma caixa ou baú para estimular a curiosidade da criança.

Material: massinha para modelar, caixa de papelão para o cenário, papel colorido e uma xícara.

- Formar grupos por meio de sorteio.
- Cada grupo modelará uma parte da história.
- Encapar a caixa com a cor de papel escolhida pelas crianças.
- Fazer cenários como os do livro e fotografá-los com o celular.
- Depois de concluído, usar um editor de vídeos para editar.
- Faça uma sessão de vídeo para as crianças assistirem como cinema mudo e, no final, destacarem o momento que mais lhes chamou a atenção.
- Criar a moral da história, tendo o profissional como mediador.

Obs.: Para as crianças de 3 anos, gravar o áudio da história contada por uma criança e passar o filminho para que assistam. Depois, orientá-las para que modelem o seu próprio ratinho com massinha.

Faixa etária: 6 a 11 anos

Material: papel sulfite ou canson, canetinha, lápis de cor, lápis grafite, tinta, pincel.

Deixar a criança escolher o material que mais lhe agrada para produzir sua arte.

- Todos devem assistir ao jogral apresentado pelos adolescentes.
- Com o auxílio do mediador, as crianças devem ilustrar a cena que mais lhes chamou a atenção e explicar qual sentimento esse momento desencadeou.

Faixa etária: 12 a 16 anos

- O grupo deve montar um jogral com os personagens da história e recontá-la para as crianças menores.
- No final, devem destacar a moral da história e a problemática.
- Em seguida, formar um círculo para debaterem sobre a problemática encontrada.

FICHA

Temática: Tristeza, empatia, impulsividade, defesa, desprezo.

Livro: *O elefantino malcriado*

Autoria: Ana Maria Machado

Ilustrações: Elisabeth Teixeira

Editora: Moderna

Ano de publicação: 2010



Breve descrição do livro: A história do livro é sobre um elefantino que jogou água no Tônico, um menino que foi visitar o zoológico. O menino contou para os amigos o que aconteceu, os amigos contaram para outros amigos. Enfim, todos que iam ao zoológico passaram a não visitar mais a jaula do elefantino. No início, ele se fez de indiferente, mostrando não se importar, mas, com o passar do tempo, foi ficando triste, então resolveu prometer não jogar mais água nas pessoas.

Breve análise do livro: Quando o elefantino joga água no menino Tônico, é possível pensar nas brincadeiras de mau gosto e impulsivas. O menino acabou se afastando e levou outros a fazer o mesmo. Isso acontece com as crianças e os adolescentes que são influenciados pela opinião de outros amigos por causa de uma brincadeira de mau gosto. O comportamento de indiferença do elefantino foi uma defesa à reação dos visitantes do zoológico. Mas não durou muito para a tristeza tomar conta do seu coração, pois ninguém gosta de ficar sem amigos e ser desprezado por todos.



© Elisabeth Teixeira

Faixa etária: 3 a 5 anos

Para essa faixa etária, é importante o profissional antecipar a leitura e depois contar a história. Ele deve mudar a entonação da voz e diferenciá-la entre os personagens. Essa técnica ajuda a manter a atenção das crianças, tornando o momento mais divertido.

Leve o livro para a roda dentro de uma caixa ou baú para estimular a curiosidade da criança.

Material: papel sulfite, canetinha, lápis de cor.

- Em roda de conversa, explicar para as crianças como acontecerá a confecção do livrinho.
- Criar a história reversa, ou seja, “O elefantinho educado”, tendo o profissional como escriba.
- Cada criança criará a ilustração de uma página, representando o trecho da história na folha escrita pelo profissional.
- Depois de prontos os livros, compartilhar com a família em uma “Tarde de autógrafos” ou “Dia de autógrafos”.

Obs.: O livro das crianças de 3 anos será só com ilustrações feitas por elas, sem texto, para que elas possam usar a criatividade na hora de recontar a história.

Faixa etária: 6 a 11 anos

Material: papel sulfite, canetinha, lápis de cor.

- Utilizando a palavra “malcriado”, as crianças devem pensar em palavras que podem formar com cada letra.
- Construir uma história com as palavras que formaram.
- Depois compartilhar com os amigos da sala.

Faixa etária: 12 a 16 anos

Material: papéis em tiras, canetinha.

- Os adolescentes devem escrever nas tiras de papel várias palavras que venham a sua mente.
- O profissional deve separar a turma em grupos. Depois, entregar a cada grupo um conjunto de palavras.
- Cada grupo deve encontrar o antônimo das palavras recebidas. Se possível, agrupar os antônimos de acordo com a semelhança sonora das palavras, formando grupos de rimas.
- Com as rimas, devem criar uma poesia que expresse o tema abordado na história.

FICHA

Temática: Medos, fragilidades.

Livro: *O pequeno fantasma*

Autoria: Pedro Bandeira e Carlos Edgar Herrero

Ilustrações: Openthedoor

Editora: Moderna

Ano de publicação: 2015



Breve descrição do livro: O fantasma Psiu nasceu numa fábrica de lençóis. Ele saiu com defeito e foi recusado pela dona da fábrica por estar fora do controle de qualidade. Ao sair da fábrica, encontrou diversas dificuldades, até que uma bondosa mãe ofereceu-lhe cuidados.

Breve análise do livro: “Lençol frágil, fininho...” nos leva a abordar as diferenças individuais intrínsecas de cada um, pois, além das diferenças externas, o mundo interior das pessoas difere na forma de sentir, pensar, reagir e agir. A aceitação e a consideração da própria individualidade e da do outro, são possíveis reflexões. “Costura e perfume” reportam à necessidade de acolhimento, de expressões de afeto e cuidado tão positivas nos relacionamentos. “Noite” pode estar ligada ao medo, a tristezas e aflições enfrentadas na vida, e falar sobre tudo isso pode diminuir o medo e a ansiedade nas crianças e nos adolescentes. “Manhã” se reporta à certeza do novo, a sentimentos de esperança, pois, assim como mudam as circunstâncias, as emoções também mudam.



© Openthedoor

Faixa etária: 3 a 5 anos

Para essa faixa etária, é importante o profissional antecipar a leitura e depois contar a história. Ele deve mudar a entonação da voz e diferenciá-la entre os personagens. Essa técnica ajuda a manter a atenção das crianças, tornando o momento mais divertido.

Leve o livro para a roda dentro de uma caixa ou baú para estimular a curiosidade da criança.

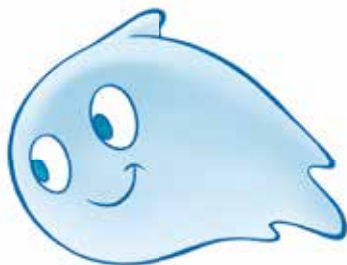
Material: lençol e balões de gás.

- Um balão deverá ser entregue para cada criança.
- O mediador deverá dar a instrução de que todas as crianças participarão, mas um grupo de cada vez.
- Cinco crianças, em círculo, segurarão nas pontas do lençol, e todas as crianças deverão jogar seus balões em cima do lençol.
- A regra é não deixarem os balões cair, pois eles representam o Psiu, que passará dificuldades até encontrar a bondosa mãe. As crianças devem ser revezadas, de modo que todas participem.

Faixa etária: 6 a 16 anos

Material: lápis de cor, canetinha, papel sulfite.

- A criança ou o adolescente deverá desenhar algo de que teve medo e superou, mas guardar em segredo do que se trata.
- Por meio de mímica, o colega ao lado deverá adivinhar qual é o medo, e isso será como “abrir um cadeado” para que o próprio desenho conte a sua história.



© Openthefloor

FICHA

Temática: Medos, coerção.

Livro: *Abaixo o bicho-papão*

Autoria: Walcyr Carrasco

Ilustrações: Galdino Sa

Editora: Moderna

Ano de publicação: 2015



Breve descrição do livro: Os irmãos Marco e Zeca se trancavam para o bicho-papão não entrar. Tudo o que eles queriam fazer os seus pais proibiam, e viviam dizendo para não gritarem, não fazerem guerra de travesseiros, que o bicho-papão os levaria no saco. Mas os irmãos resolveram enfrentar o bicho-papão e planejaram um encontro frente a frente com ele. Devagarzinho, finalmente chegaram ao encontro! Que horror! O tal monstro não era tão monstro assim...

Breve análise do livro: É possível trabalhar o medo nas crianças e nos adolescentes. Com os pais, é possível refletir sobre as práticas educativas que têm a finalidade de controlar o comportamento das crianças por meio da punição, da coerção, das promessas falsas, tão prejudiciais ao desenvolvimento emocional. Na história, as crianças conseguem se superar com energia e cautela, enfrentando o medo, mostrando sua capacidade de pensar, opinar, num mundo rico e criativo que elas já possuem. Para Conte e Brandão (2007), as ações que trazem emoções aversivas nas crianças, que geram constrangimento, por meio de repreensões públicas, retirada de privilégios, humilhação, têm o efeito de anular comportamentos, como os brancos na prova ou omissão de questionamentos. Por medo e ansiedade, as reações comuns são a fuga, desligar-se, "ficar voando" ou paralisar, desistir, além de esquivar, lentidão e procrastinação das tarefas.

Faixa etária: 3 a 5 anos

Para essa faixa etária, é importante o profissional antecipar a leitura e depois contar a história. Ele deve mudar a entonação da voz e diferenciá-la entre os personagens. Essa técnica ajuda a manter a atenção das crianças, tornando o momento mais divertido. Leve o livro para a roda dentro de uma caixa ou baú para estimular a curiosidade da criança.

Material: lençóis ou fantasias de super-heróis, espadas, escudos; caixa (pode ser de sapatos).

- Em um primeiro momento, as crianças que não têm a escrita falarão dos seus medos para que o profissional escreva e coloque dentro da caixa. As crianças que conseguem, desenharão e colocarão os desenhos na caixa. Após esse momento, elas se vestirão com as fantasias ou capas, e cada uma delas retirará um papel da caixa e lutará com uma espada imaginária para destruir o medo. Por fim, rasga-se o papel e o medo estará eliminado.

Faixa etária: 6 a 16 anos

Material: lápis de cor, canetinha, papel, recorte de revistas e sucata, como latas e garrafas pet.

- Conversar com o grupo sobre o que os deixa com medo, levantando as principais reações: irritar-se, fugir (ficar com o pensamento longe) ou congelar (desistir ou ficar lento...).
- Solicitar que desenhem ou escrevam seus medos, do menor para o maior.
- Escolher recortes de revistas ou os desenhos realizados que mostrem situações de medo.
- Usando as emoções e os sentimentos envolvidos, levá-los a refletir sobre o que pode ser feito para trabalhar as questões relacionadas ao medo.



FICHA

Temática: Tristeza, empatia, valorização do outro.

Livro: *A minhoca da sorte*

Autoria: Ana Maria Machado

Ilustrações: Elisabeth Teixeira

Editora: Moderna

Ano de publicação: 2009



Breve descrição do livro: Era uma vez um pintinho que vivia sozinho num terreno baldio. Ele conseguia se cuidar, comer, mas sentia falta de alguém para brincar, oferecer carinho, contar histórias, alguém que o abraçasse quando se sentisse triste. Um dia, um grão de milho caiu no terreno baldio, como se tivesse caído do céu. Imediatamente, o pintinho fez dele seu milho da sorte. Quando fechou seus olhos para fazer um pedido, passou um bem-te-vi e engoliu seu milho. Como ele nada tinha visto, pensou que quem tinha engolido o milho havia sido uma minhoca que passava por ali. Então, a minhoca passou a ser a minhoca da sorte. Mas mal fechou os olhos para fazer o pedido, o guloso bem-te-vi engoliu sua minhoca da sorte. Sem ver seu bichinho, começou a seguir o bem-te-vi. O pintinho passou por alguns meninos jogando bola, que o convidaram para jogar; passou por um velho, que lhe contou algumas histórias, até chegar a uma bondosa galinha-d'angola, que o abraçou com muito carinho, reconhecendo seu filhote perdido que havia caído do galinheiro. Enfim, o pintinho, mesmo sem o milho ou a minhoca da sorte, viu todos os seus desejos realizados.

Breve análise do livro: Entre as diversas possibilidades de trabalho, é possível abordar a temática da tristeza, da solidão e da valorização da companhia de quem possa compartilhar alegrias, sentimentos bons e afeto. No livro, essa busca só cessou quando o pintinho encontrou acolhimento além das necessidades físicas de alimento: ele encontrou um lar. É possível estimular nas crianças a busca pela expressão das suas necessidades naturais e como lidar com a tristeza, buscando os sentimentos bons, falando ou até mesmo por orações. Afinal, se o pintinho, percebendo que estava solitário, não reconhecesse e não fizesse nada para mudar, não teria encontrado o que tanto desejava, apesar de ter enfrentado um caminho cheio de obstáculos.

Faixa etária: 3 a 5 anos

Para essa faixa etária, é importante o profissional antecipar a leitura e depois contar a história. Ele deve mudar a entonação da voz e diferenciá-la entre os personagens. Essa técnica ajuda a manter a atenção das crianças, tornando o momento mais divertido.

Leve o livro para a roda dentro de uma caixa ou baú para estimular a curiosidade da criança.

Material: folha de sulfite, canetinha, lápis de cor, glitter, lantejoulas, cola e lenços ou fraldas de tecido para vendar os olhos.

- Inicialmente, sugira que as crianças preparem um cartão bem bonito para presentear uma pessoa.
- Vendar os olhos de uma criança por vez.
- Três crianças aleatórias irão até o colega que está com os olhos vendados, em silêncio.
- A criança que estiver com os olhos vendados deverá escolher uma das crianças que se aproximar.
- Pelo tato, terá que adivinhar quem é o colega escolhido.
- Após a criança que estava com os olhos vendados descobrir quem era, receberá de presente o cartão confeccionado pelo colega.
- O profissional precisa garantir que todos ganhem o cartão; para isso, deverá pensar quem confeccionará mais de um cartão, se for preciso.
- No final da atividade, todos devem assistir ao teatro criado pelos adolescentes.

Faixa etária: 6 a 16 anos

Material: lápis de cor, canetinha, papel, recorte de revistas e sucata, como latas e garrafas pet.

- Conversar com o grupo sobre o que os deixa tristes, levantando as principais temáticas, como a de se colocar no lugar do outro, ajudar etc.
- Construir um teatro usando a moral da história como tema (ninguém gosta de ser solitário) e apresentar uma encenação para as crianças menores.
- Todos devem ficar atentos e, quando virem um colega sozinho, devem procurar ajudá-lo.
- Usando as emoções e os sentimentos envolvidos, levá-los a refletir sobre o que pode ser feito para trabalhar as questões relacionadas à tristeza e à solidão.



© Elisabeth Teixeira

FICHA

Temática: Como lidar com problemas, cooperação, solidariedade.

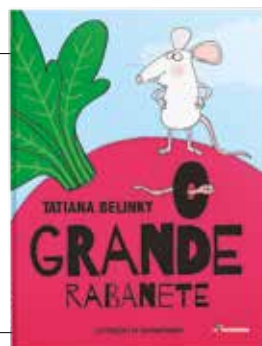
Livro: *O grande rabanete*

Autoria: Tatiana Belinky

Ilustrações: Silvana Rando

Editora: Moderna

Ano de publicação: 2017



Breve descrição do livro: A história é sobre o rabanete que o vó plantou em sua horta. Esse rabanete cresceu tanto que o vó teve dificuldade para arrancá-lo, necessitando da cooperação de todos da casa.

Breve análise do livro: Essa história nos mostra a importância de compartilhar e tentar unir a família em prol da solução de um problema. Ela nos faz pensar no que seria esse rabanete em nossa vida, como lidar com as dificuldades e em quem podemos nos apoiar.





Faixa etária: 3 a 5 anos

Para essa faixa etária, é importante o profissional antecipar a leitura e depois contar a história. Ele deve mudar a entonação da voz e diferenciá-la entre os personagens. Essa técnica ajuda a manter a atenção das crianças, tornando o momento mais divertido.

Leve o livro para a roda dentro de uma caixa ou baú para estimular a curiosidade da criança.

Material: jardineira plástica, cascalho, areia, terra adubada, sementes.

Para o desenho: folha de sulfite, canetinha, lápis de cor, cartolina, cola, pasta para arquivar os desenhos.

Se o local tiver um espaço no jardim ou no terreno para fazer a horta, não precisa das jardineiras; somente de terra adubada e sementes.

- Em roda de conversa, fazer perguntas como: Vocês já viram uma horta? Sabem como plantar, como cuidar, como regar?
- Propor, então, a criação de uma horta em um vaso ou no espaço que estiver disponível no terreno.
- Escolher as sementes com as crianças a partir de uma pesquisa sobre legumes e verduras.
- Antes de iniciar a horta, as crianças devem pesquisar e fazer um cartaz com as orientações e os cuidados.
- Junto com o profissional, as crianças devem preparar o local ou o vaso para o plantio.
- Em seguida, desenvolver com elas um plano de cuidados durante o cultivo e quem serão os responsáveis (dividir a sala em pequenos grupos e cada dia um grupo cuidará da horta).
- Uma vez por semana, o responsável deverá tirar uma foto da horta, imprimi-la e colocá-la em exposição no cartaz, que estará afixado na sala, para que todos visualizem o desenvolvimento da planta.
- Nesse dia, após observar a foto, as crianças deverão fazer um desenho de como está a horta.
- As crianças devem montar uma pasta com os desenhos para documentar a evolução do cultivo da horta.

Faixa etária: 6 a 16 anos

Material: jardineira plástica, cascalho, areia, terra adubada, sementes.

Se o local tiver um espaço no jardim ou no terreno para fazer a horta, não precisa das jardineiras; somente de terra adubada e sementes.

- Pesquisar com as crianças e os adolescentes quais sementes são favoráveis para plantar em uma horta.
- Fazer um planejamento dos cuidados e de qual grupo será responsável por esse cuidado.
- Planejar como esses produtos serão distribuídos após a colheita. Serão doados a famílias da comunidade? Como poderão se organizar para isso acontecer?
- Com parte da produção, propor que preparem uma receita para saborearem com os colegas.

FICHA

Temática: Preconceito, medo, diversidade, desamparo, amizade, autoridade, família, intolerância, superação.

Livro: *É proibido miar*

Autoria: Pedro Bandeira

Ilustrações: Avelino Guedes

Editora: Moderna

Ano de publicação: 2009



Breve descrição do livro: Bingo é um filhote muito curioso e sapeca. Ele fez amizade com um gato misterioso e resolveu imitar o amigo... Passados alguns dias, a mamãe resolveu mostrar para o papai que os filhotes haviam crescido e todos começaram a latir. Quando chegou a vez de Bingo, ele MIOU!!! Onde já se viu um cão miar? Bingo ficou surpreso e não entendeu qual era o problema de ser diferente...

Breve análise do livro: Essa história nos mostra a dificuldade de lidar com o diferente, em sairmos dos padrões considerados ideais por uma sociedade. Mostra o medo e o preconceito de ser diferente, a autoridade paterna, a luta e o enfrentamento para ser o que se é. Mostra o abandono e o desamparo dos seus por não saberem lidar com uma situação que foge aos padrões impostos. É possível trabalhar cada aspecto citado acima, mostrando os riscos que envolvem “a noite” e seus perigos, a diversidade, as amizades, o uso de substâncias e suas implicações. O fato de ser “diferente” traz características e vivências complexas, que tanto podem destruir as pessoas como, por meio da dor e da amizade, torná-las mais fortes.





© Avellino Guedes

Faixa etária: 3 a 5 anos

Para essa faixa etária, é importante o profissional antecipar a leitura e depois contar a história. Ele deve mudar a entonação da voz e diferenciá-la entre os personagens. Essa técnica ajuda a manter a atenção das crianças, tornando o momento mais divertido.

Leve o livro para a roda dentro de uma caixa ou baú para estimular a curiosidade da criança.

Material: papel sulfite, canetinha, lápis de cor, fantoches.

- No dia da atividade, levar para a sala alguns fantoches e pedir para que as crianças, em roda de conversa, representem sua família.
- Ao final da atividade, peça para que eles contem os acontecimentos de um dia na sua casa.
- Enumerar com eles as diferenças que todas as pessoas possuem, usando os fantoches como modelo.
- Na sequência, fazer o mesmo entre as crianças; por exemplo, uns têm cabelos lisos, outros, encaracolados; uns têm olhos claros, outros, escuros; uns gostam de jogar bola, outros, de brincar com bonecos.
- Levá-los a refletir o quanto é importante respeitar as pessoas como são, independentemente das suas diferenças.
- Para finalizar, todos devem fazer o desenho de sua família e deixá-lo em exposição na sala.

Faixa etária: 6 a 11 anos

Material: papel sulfite, canetinha, lápis de cor.

- Em roda de conversa, pedir para as crianças fazerem um desenho da sua família.
- Discutir sobre o seu lugar na família e qual o seu papel como filho único, ou mais velho, ou mais novo.
- Levá-los a refletir como podem se fazer entender para que seus pontos de vista sejam respeitados sem desrespeitar os outros membros da família.

Faixa etária: 12 a 16 anos

Material: lápis de cor, canetinhas, tinta guache, papel sulfite ou tela.

- Trabalhar os temas possíveis a partir da leitura do livro por meio de rodas de conversa, encenações teatrais e pinturas em tela, a fim de que os adolescentes possam discutir os temas que mais os afetam.

FICHA

Temática: Empatia, trabalho em equipe, lidar com a frustração.

Livro: *Um gol de placa*

Autoria: Pedro Bandeira

Ilustrações: Adilson Farias

Editora: Moderna

Ano de publicação: 2011



Breve descrição do livro: A história gira em torno de um time de futebol de meninos considerado o melhor do bairro. Porém, um dia, eles tiveram que sair do campinho, pois o dono do terreno pretendia construir um prédio ali. Os meninos tiveram de encontrar outro terreno para usar como campo de futebol, e precisavam limpá-lo e deixá-lo pronto para um jogo importante com o time do outro bairro. No dia do jogo, o grupo estava tão cansado por causa do trabalho que houve quem não conseguisse jogar direito. Porém, os meninos do outro time perceberam e resolveram adiar o jogo.

Breve análise do livro: O livro aborda muitos pontos pertinentes a grupos e equipes, como a importância de lidar com frustrações dentro do grupo, quando os meninos perderam o campinho; a importância do trabalho em equipe, quando precisaram deixar o novo terreno pronto para o jogo; empatia e compaixão, quando os meninos do outro time resolveram adiar o jogo.



Faixa etária: 3 a 5 anos

Para essa faixa etária, é importante o profissional antecipar a leitura e depois contar a história. Ele deve mudar a entonação da voz e diferenciá-la entre os personagens. Essa técnica ajuda a manter a atenção das crianças, tornando o momento mais divertido.

Leve o livro para a roda dentro de uma caixa ou baú para estimular a curiosidade da criança.

Material: bola de futebol, sulfite A3, canetinha.

Atividade: Jogo de futebol

- Na folha de sulfite A3, o profissional desenhará com canetinha a posição na qual cada criança ficará no jogo.
- Determinar quem será juiz, quem será bandeirinha e quem ficará responsável pelo placar.
- Depois, ir para o campo, para que todos se organizem para brincar.
- Anotar no placar, no nome da criança, a quantidade de gols que ela fez. Representar a quantidade de gols com o desenho de palitinhos ou bolinhas, para que depois as crianças façam a contagem.

Obs.: Com as crianças de 3 anos, apenas brincar. Deixá-las livres no campo, com o objetivo de marcar gol.

Faixa etária: 6 a 16 anos

Material: bola de futebol, medalhas.

Atividade: Jogo de futebol

- Dividir a turma em grupos, para que cada grupo estude a sua jogada e determine em qual posição ficará cada jogador.
- Sortear quem será juiz, quem será bandeirinha e quem ficará responsável pelo placar.
- Utilizar o campo ou a quadra da escola para realizar as partidas.
- Anotar no placar, no nome do participante, a quantidade de gols que ele fez.
- Entregar as medalhas de participação.

FICHA

Temática: Empatia, lidar com as diferenças, vínculos, estigmas associados às diferenças e transtornos mentais.

Livro: *Biruta*

Autoria: Sônia Barros

Ilustrações: Odilon Moraes

Editora: Moderna

Ano de publicação: 2018



Breve descrição do livro: A história gira em torno da galinha Biruta, que morava em um sítio. Conforme ficou mais velha, Biruta perdeu a visão, tornando-se uma galinha muito atrapalhada, que tropeçava em tudo, não fazia nada direito e não servia pra nada. As outras galinhas do galinheiro reclamavam muito, e, um dia, o dono do sítio, também achando que ela não servia pra nada, considerou levá-la para a panela. Porém, o neto do dono do sítio foi visitá-lo e resolveu levar a Biruta para sua casa, com o consentimento dos pais. Biruta foi bem cuidada, e, inclusive, mesmo sendo uma galinha cega, conseguia perceber quando o menino estava chegando em casa, da escola, e ficava esperando por ele, feliz.

Breve análise do livro: O livro trata das diferenças: como podem ser tratadas as pessoas diferentes e que não agem de acordo com aquilo que se espera delas? Todos esperavam que Biruta fosse uma galinha "normal", que não fosse atrapalhada, que não tropeçasse em tudo. Qual poderia ser a atitude das outras galinhas se, em vez de criticar Biruta, a ajudassem? O que o grupo pode fazer para inserir e auxiliar uma pessoa diferente? O menino mostrou empatia por Biruta e resolveu cuidar dela. A empatia com aqueles que são diferentes é o ponto de partida para mudanças no ambiente e nas pessoas, seja mudança na estrutura do ambiente (facilitadoras ao acesso de pessoas com deficiência visual, por exemplo), seja na forma de se relacionar (tratar com respeito e humanidade, auxiliar com as dificuldades). A forma diferente e empática com que o menino tratou Biruta fez com que o vínculo entre eles fosse grande. Isso fica claro quando Biruta percebe que o menino está chegando em casa, mesmo sendo cega.

O próprio nome, Biruta, nos remete ao estigma da loucura associado aos transtornos mentais. O livro pode propiciar a discussão sobre as diferenças não apenas físicas, mas também aquelas associadas a transtornos mentais e dificuldades de aprendizado em sala de aula (autismo, TDAH, deficiência intelectual, etc.).

Faixa etária: 3 a 5 anos

Para essa faixa etária, é importante o profissional antecipar a leitura e depois contar a história. Ele deve mudar a entonação da voz e diferenciá-la entre os personagens. Essa técnica ajuda a manter a atenção das crianças, tornando o momento mais divertido.

Leve o livro para a roda dentro de uma caixa ou baú para estimular a curiosidade da criança.

Material: lenço de pano ou uma fralda de tecido.

- Em roda de conversa, explicar a brincadeira “cabra-cega” e as regras.
- Sortear quem iniciará.
- Depois de todas as crianças fazerem o papel da cabra-cega, formar uma roda de conversa para que cada uma expresse os sentimentos envolvidos durante a brincadeira, e compare com o que sentiu a galinha cega.
- Peça para que as crianças comentem como se sentiram de olhos vendados.

Obs.: Brincar com as crianças de 3 anos em um lugar não muito amplo e sem obstáculos para que não se machuquem. No final, pedir para que elas identifiquem suas emoções nos emojis.

Faixa etária: 6 a 16 anos

Material: lenço de pano ou fralda de tecido.

- Em roda de conversa, relembrar as regras da brincadeira “cabra-cega” para todos.
- Procurar um local espaçoso e que não coloque a criança ou o adolescente em risco.
- Sortear quem começará a brincadeira.
- Depois de todos os participantes fazerem o papel da cabra-cega, formar uma roda de conversa para discutir as sensações e os sentimentos que a brincadeira desencadeou.



© Odilon Moraes

FICHA

Temática: Comunicação assertiva, empatia e paciência de um grupo; relacionamentos.

Livro: *Rinoceronte Marcondes*

Autoria: Índigo

Ilustrações: Silvana Rando

Editora: Moderna

Ano de publicação: 2019



Breve descrição do livro: A história é sobre um rinoceronte chamado Marcondes que é levado por um homem a morar com sua família por uns tempos. O problema é que Marcondes não sabe se comunicar com as pessoas e enfrenta problemas de relacionamento. Em um momento, o rinoceronte está quase desistindo e indo embora da casa da família, porém a mãe insiste para que ele fique e aprenda a se comunicar. Depois de um tempo, Marcondes consegue dizer coisas compreensíveis para todos, facilitando seu convívio no grupo.

Breve análise do livro: O livro aborda muitos pontos pertinentes a grupos e equipes, como a comunicação assertiva e facilitadora dentro dos relacionamentos e que propicia maiores oportunidades de socialização. Marcondes não conseguia se expressar adequadamente, porém, com o auxílio da família que o acolheu e a convivência com o grupo, foi aprendendo novas formas de se comunicar e de se expressar, fatores que possibilitaram a eles se relacionar melhor com os outros e que facilitaram sua socialização com o grupo.



© Silvana Rando

Faixa etária: 3 a 5 anos

Para essa faixa etária, é importante o profissional antecipar a leitura e depois contar a história. Ele deve mudar a entonação da voz e diferenciá-la entre os personagens. Essa técnica ajuda a manter a atenção das crianças, tornando o momento mais divertido.

Leve o livro para a roda dentro de uma caixa ou baú para estimular a curiosidade da criança.

Material: cones, obstáculos, cordas, lenço ou fralda de tecido.

- Sortear duplas para iniciar a brincadeira.
- Em roda de conversa, explicar que uma das crianças da dupla terá os olhos vendados e a outra a conduzirá entre os obstáculos do caminho.
- Em um segundo momento, a condução será feita sem a venda.
- Depois, em roda de conversa, pedir para que contem como se sentiram tendo de confiar no amigo e acreditar no que ele estava dizendo e, depois, comentem como se sentiram quando a comunicação ficou às claras.

Obs.: Com as crianças de 3 anos, quem conduzirá primeiro será um adulto; depois propor que um amigo conduza.

Faixa etária: 6 a 16 anos

Material: lenço ou fralda de tecido, cones, cordas, obstáculos, pneus, bambolês.

- Sortear duplas para iniciar a brincadeira.
- Em roda de conversa, explicar que uma das crianças ou um dos adolescentes da dupla terá os olhos vendados e a(o) outra(o) a(o) conduzirá entre os obstáculos do caminho.
- Depois que passar por todo o percurso, trocar a venda de um para o outro da dupla.
- Após o término, mudar as duplas para que todos possam interagir.
- Em seguida, em um terceiro momento, a condução será feita sem venda.
- No final, em roda de conversa, peça para todos comentarem quais foram as sensações e os sentimentos que apareceram no momento em que estavam sendo conduzidos.

FICHA

Temática: medo, imaginação, diferença, aceitação, conquista.
Livro: *O pequeno dragão*
Autoria: Carlos Edgard Herrero, Pedro Bandeira
Ilustrações: Openthedoor
Editora: Moderna
Ano de publicação: 2009 – 2ª edição



Breve descrição do livro: Dadá é um dragãozinho que vivia em um mundo muito feio, cheio de pedras, pântanos e vulcões. Na escola de dragões, a professora ensinava como eles deveriam assustar as criancinhas, mas Dadá não ia muito bem! Ele era um dragão diferente: tinha apenas uma cabeça, era bonzinho, e só conseguia soltar umas fumacinhas. Tantas vezes foi reprovado que acabou sendo expulso, não só da escola, mas da montanha onde morava também. Quando Dadá começou a se aceitar como era, descobriu seu real poder! Sentiu-se mais feliz e livre, pois podia fazer o que queria e percebeu que, de sua boca, saíam inúmeras flores.

Breve análise do livro: A leitura desse livro leva crianças e adolescentes a refletir sobre comportamentos que podem provocar um sentimento de felicidade e pensar sobre suas escolhas e as consequências, positivas ou negativas, que elas trazem. Também provoca a reflexão sobre quanto as palavras que verbalizam podem influenciar a vida das pessoas e sua própria vida.



© Openthedoor

Faixa etária: 3 a 5 anos

Para essa faixa etária, é importante o profissional antecipar a leitura e depois contar a história. Ele deve mudar a entonação da voz e diferenciá-la entre os personagens. Essa técnica ajuda a manter a atenção das crianças, tornando o momento mais divertido.

Leve o livro para a roda dentro de uma caixa ou baú para estimular a curiosidade da criança.

Material: folha de sulfite, canetinha, flores.

- Após escutar a história inteira, as crianças farão um desenho da parte de que mais gostaram.
- Depois, numa roda de conversa, comentarão o que desenharam e como poderiam transmitir sentimentos bons para as pessoas a sua volta.
- O profissional pode sugerir que elas entreguem flores para os adultos que encontrarem nos corredores da escola, ou para os que escolherem.
- Depois, devem se reunir novamente e falar sobre o que sentiram durante essa atividade. Elas podem representar esses sentimentos com os emojis.

Faixa etária: 6 a 16 anos

Material: tinta para pintura corporal de várias cores, espelho.

- Contar a história para as crianças e os adolescentes e depois pedir que cada um pinte seu rosto, representando um dragão.
- Numa roda de conversa, deverão contar aos colegas por que escolheram aquelas cores e aquela expressão.
- Em seguida, deverão refletir sobre como é possível transmitir bons sentimentos e palavras de conforto para as pessoas a sua volta.



FICHA

Temática: aceitação, descobertas, empatia.

Livro: *O menino que trocou a sombra*

Autoria: Walcyr Carrasco

Ilustrações: Leo Flores

Editora: Moderna

Ano de publicação: 2014



Breve descrição do livro: Zé Luís resolveu trocar de sombra, pois estava insatisfeito com a dele. Ele sai à procura de uma sombra ideal. Um dia, conseguiu convencer um gato a trocar de sombra com ele. No decorrer das suas aventuras, causou muita confusão em casa, na escola, na floresta e no aquário. No final, sentiu saudades de sua sombra e resolveu procurá-la.

Breve análise do livro: Esse livro leva as crianças e os adolescentes a refletir sobre a descoberta das suas potencialidades.

Faixa etária: 3 a 5 anos

Para essa faixa etária, é importante o profissional antecipar a leitura e depois contar a história. Ele deve mudar a entonação da voz e diferenciá-la entre os personagens. Essa técnica ajuda a manter a atenção das crianças, tornando o momento mais divertido.

Leve o livro para a roda dentro de uma caixa ou baú para estimular a curiosidade da criança.

Material: lanterna para criar sombras na parede.

Sugestão: o profissional deve pesquisar na internet como produzir personagens com as mãos.

- Após as crianças ouvirem a história, o profissional brincará de fazer sombras com as mãos na parede e as crianças deverão adivinhar qual personagem está refletido ali.
- Levá-las a pensar nas possibilidades de fazer um tipo de animal com as mãos e gerar a sombra de outro animal.

Faixa etária: 6 a 16 anos

Material: quadra ou um espaço aberto, giz de lousa branco.

- No pátio, pedir que as crianças e os adolescentes observem sua sombra no chão.
- Dividir o grupo em duplas.
- Um de cada vez deverá desenhar a sombra do colega no chão com o giz.
- Após as sombras dos dois estarem desenhadas, pedir que eles troquem de lugar e tentem fazer com que sua sombra coincida com a sombra do colega que foi desenhada no chão.
- Depois, numa roda de conversa, o grupo deve discutir quais foram as possibilidades de se encaixar na sombra de outra pessoa.

CONCLUSÃO

O trabalho com literatura e suas respectivas metáforas, a partir dos conteúdos das histórias, possibilita a nomeação, a discriminação e a expressão de emoções e de sentimentos, além da mobilização na busca de formas mais adaptadas de resolver problemas e conflitos, tudo de forma lúdica e criativa.

A expressão verbal de pensamentos e opiniões de forma assertiva é incentivada, mas antes os sentimentos relacionados a agressividade ou hostilidade são validados e compreendidos em sua essência. É pelo reconhecimento das angústias e do sentimento de raiva que se faz a modificação da forma de expressão posterior.

A utilização deste livro nos ambientes escolar e institucional enriquecerá a prática do profissional na abordagem de questões socioemocionais e comportamentais, permitindo que crianças e adolescentes tenham melhor compreensão dos sentimentos que aparecem nas situações vivenciadas por eles, além de se sentirem mais confiantes na busca por ajuda.

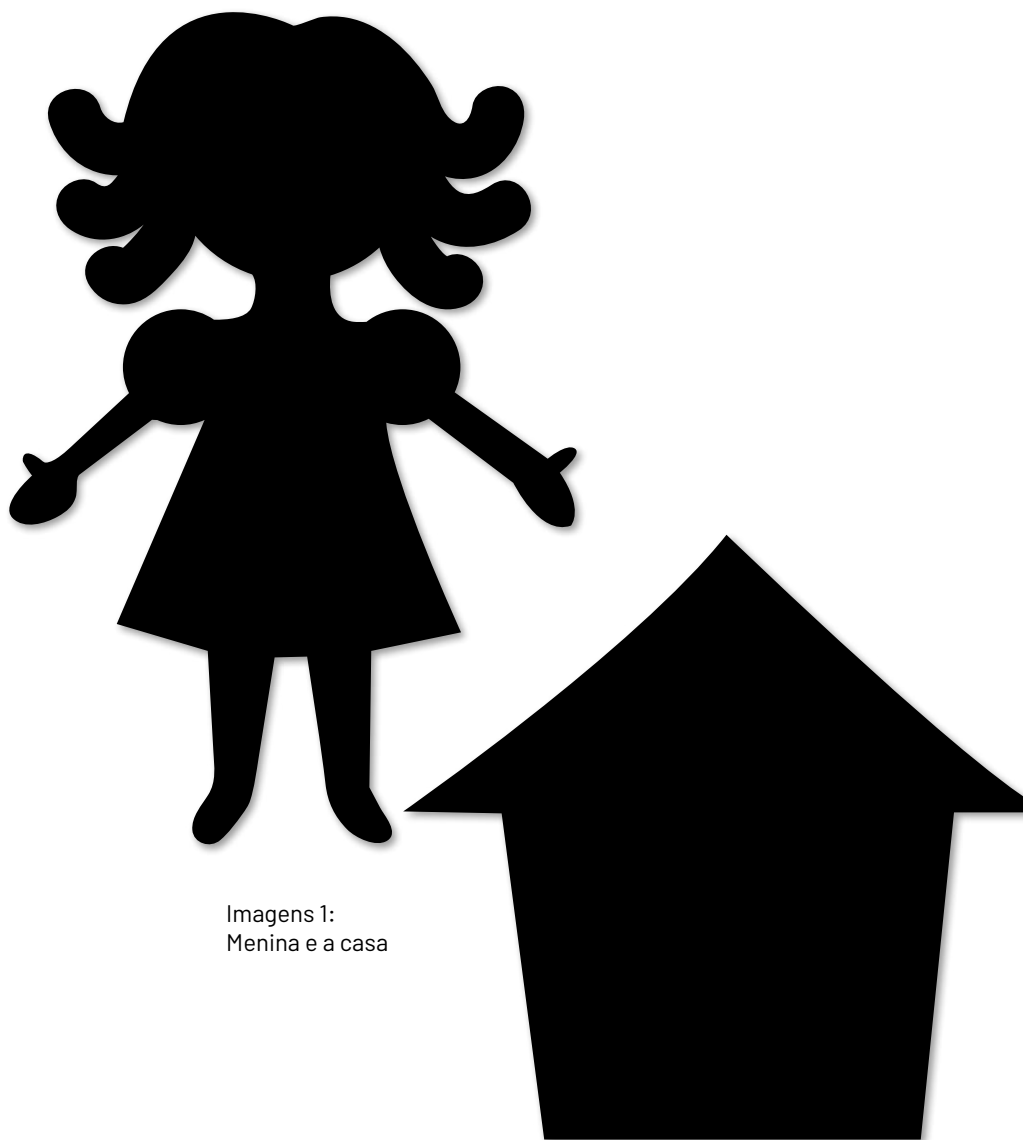
A construção de um ambiente seguro onde se possa procurar apoio sem sentir medo de ser criticado ou punido é essencial para evitar problemas de maior complexidade.

A participação dos pais nesse tipo de trabalho os auxilia no desenvolvimento de habilidades e na aquisição de recursos ou de ferramentas no manejo com seus filhos, principalmente para validar sentimentos e conduzir alternativas de ação para agir sobre os problemas.

Considerando a pandemia Covid-19 e todas as suas implicações, é importante recuperar o sentido da vida, a importância dos relacionamentos saudáveis e dos valores familiares. As histórias permitem uma viagem e uma reflexão sobre como viver após a pandemia, quais escolhas serão realmente importantes para que se possa ter melhor qualidade de vida.

Para as instituições que forem trabalhar com este material, sugere-se organizar um laboratório de leitura, oferecendo para crianças, adolescentes, pais e profissionais um ambiente acolhedor, no qual se sintam à vontade para expressarem seus sentimentos, principalmente na retomada do cotidiano, considerando a pós-pandemia como ponto de partida.

MOLDES PARA A CONFEÇÃO DOS FANTOCHES PARA O TEATRO DE SOMBRA DA 3ª SESSÃO:



Imagens 1:
Menina e a casa



Imagem 2: Menina com buraco na barriga



Imagem 3: Menina com cachecol

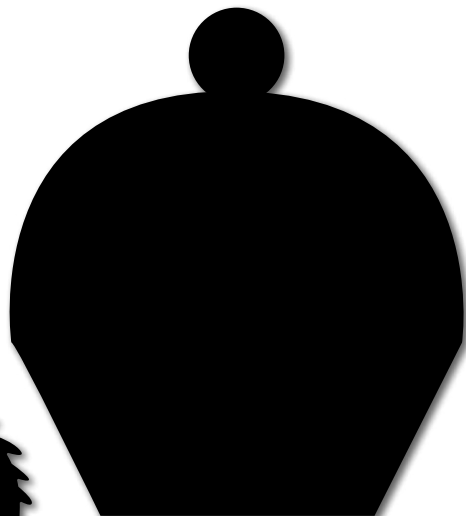


Imagem 5: Bolinho

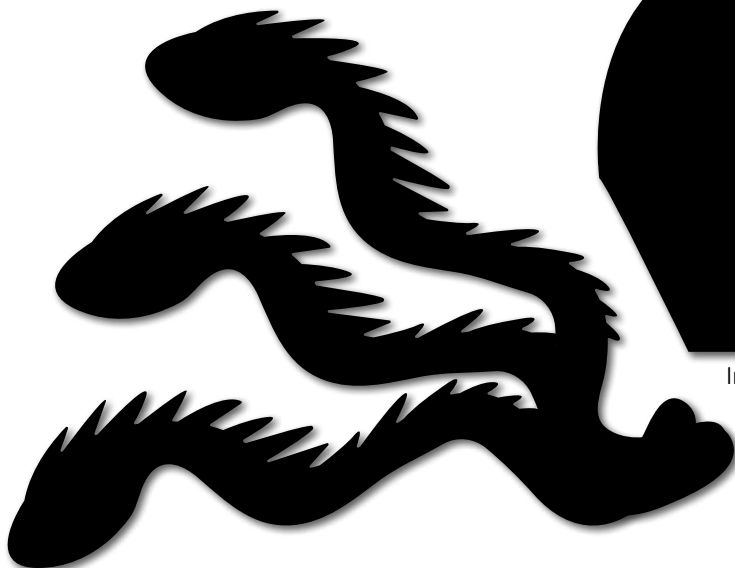


Imagem 4: Monstros

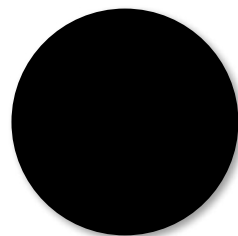
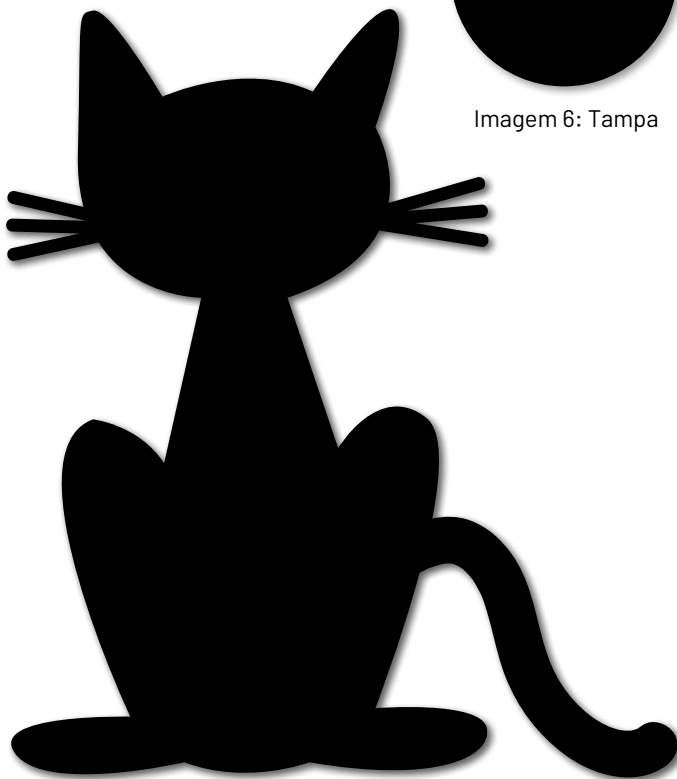
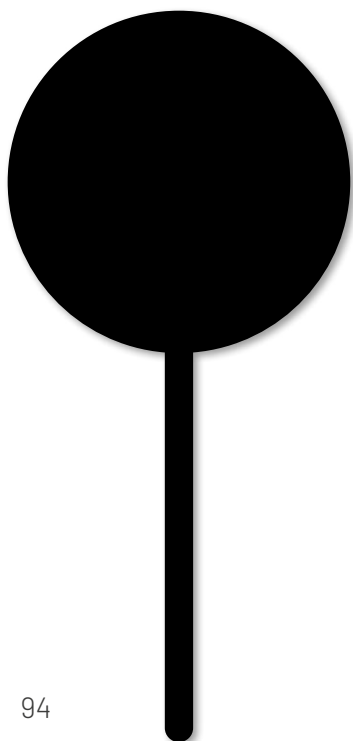
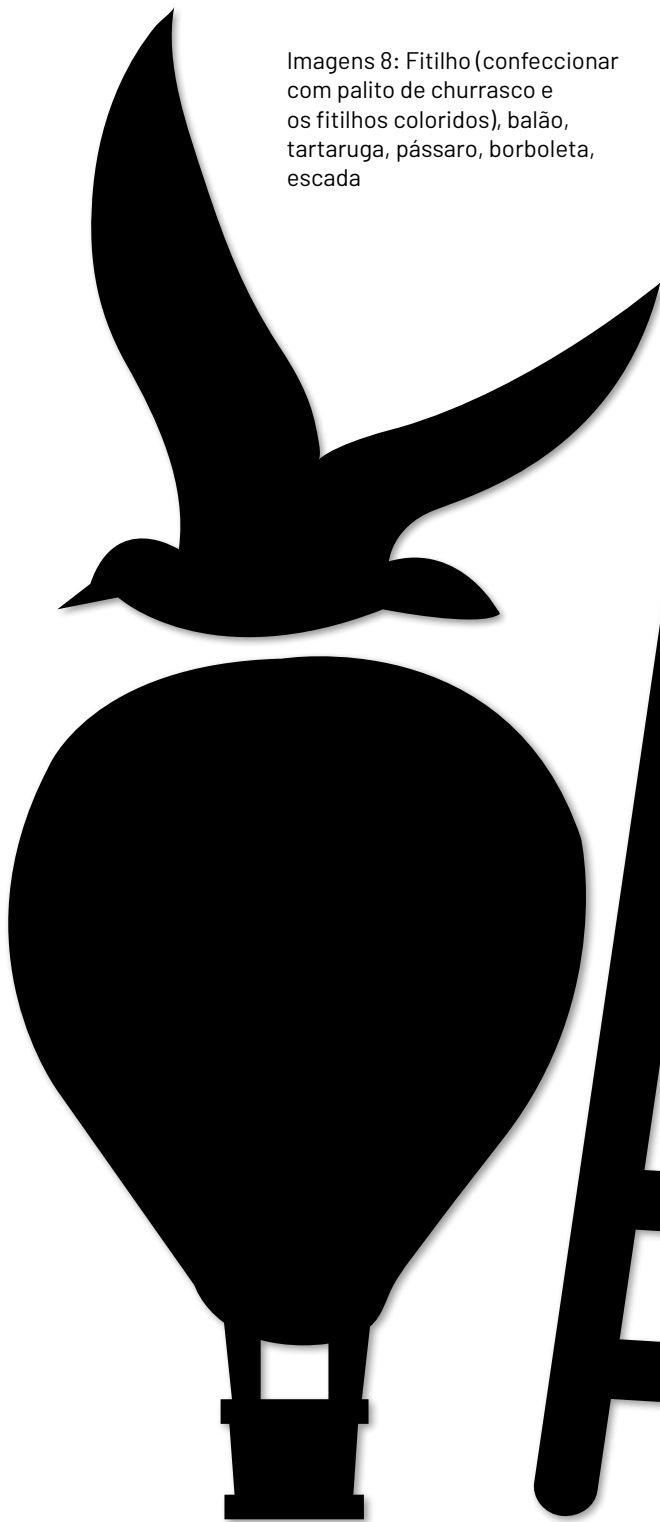


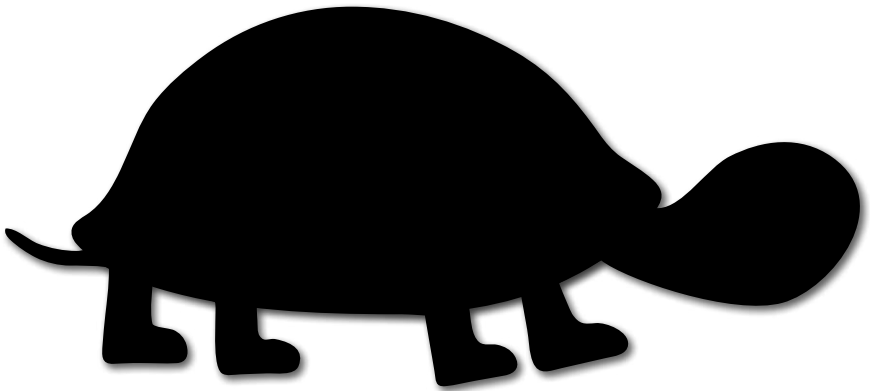
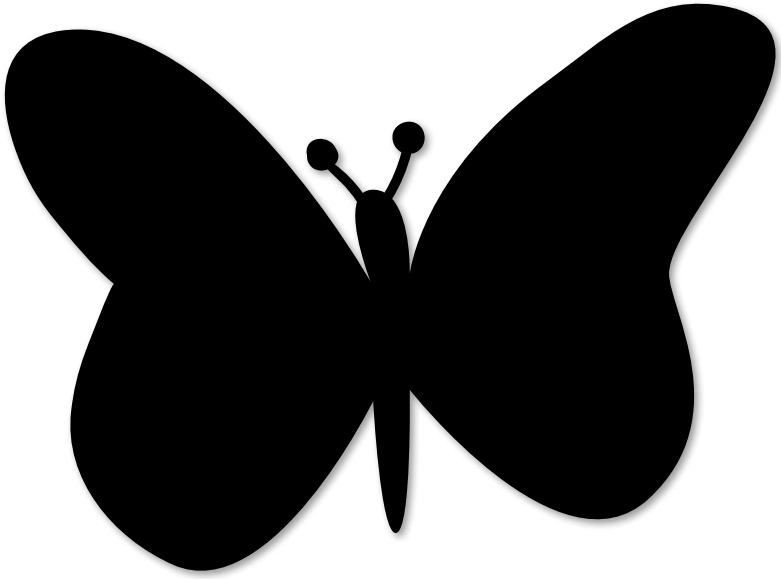
Imagem 6: Tampa

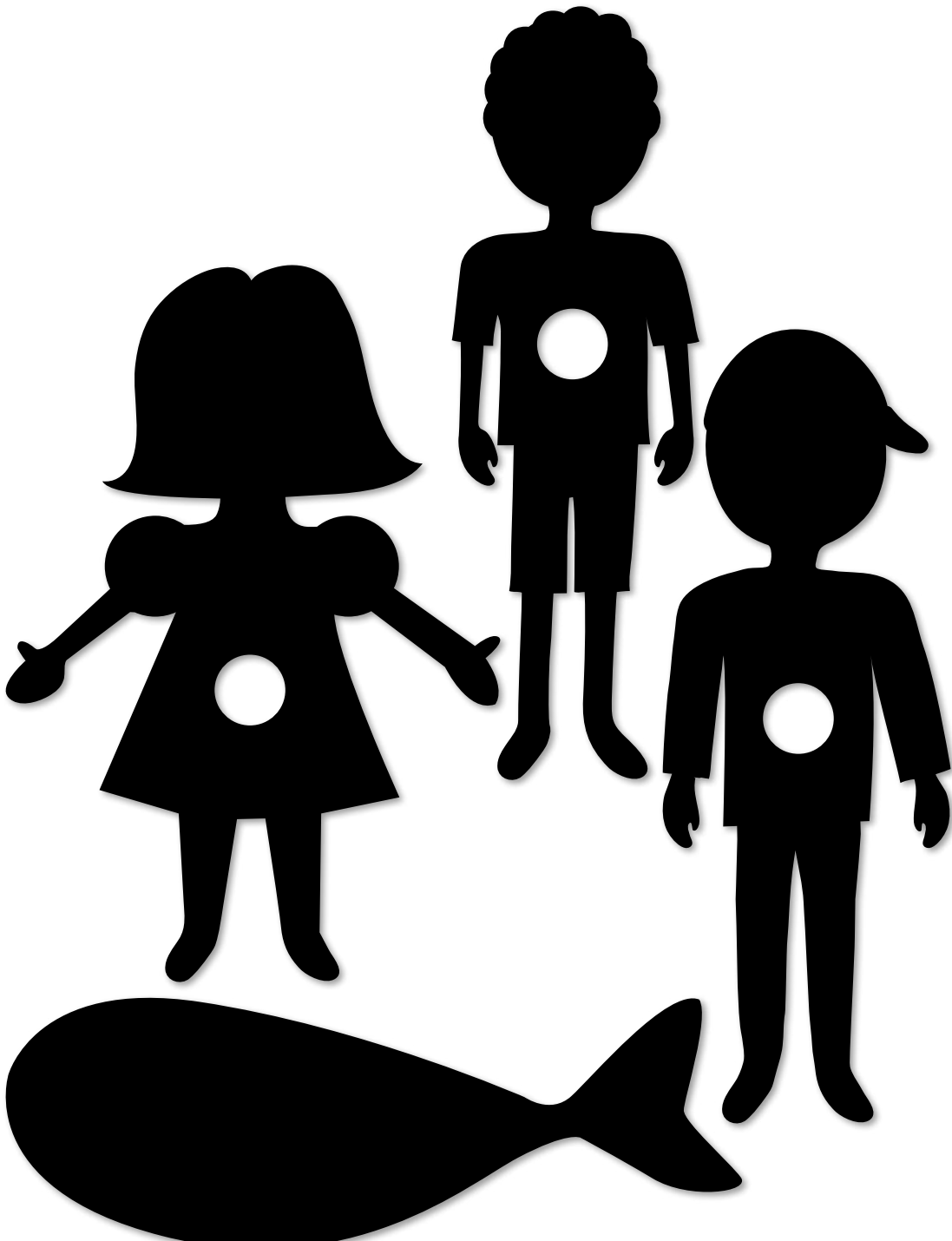


Imagens 7: Pirulito e gato

Imagens 8: Fitolho (confeccionar com palito de churrasco e os fitilhos coloridos), balão, tartaruga, pássaro, borboleta, escada







Imagens 9: Peixe e amigos



Imagem
10: Menina
com buraco
pequeninho na
barriga

FOTOS DOS FANTOCHES DA 3ª SESSÃO:

As fotos ilustram como ficarão os fantoches do teatro de sombras.

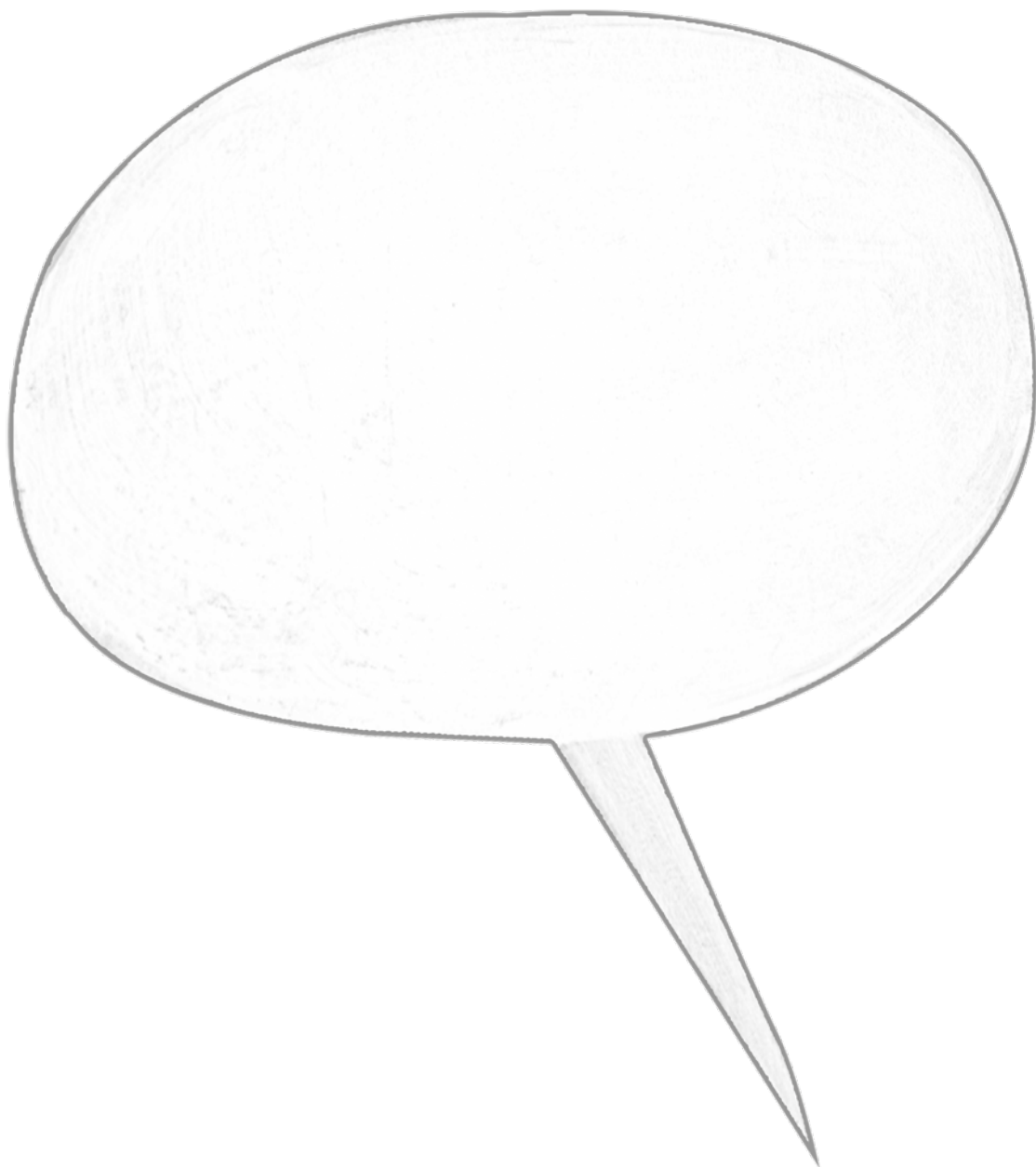


Versão final do cenário e fantoches posicionados.



Versão final dos fantoches.

MOLDE DO BALÃO PARA A ATIVIDADE DA 11ª SESSÃO:



ABED, A. *O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de crianças e adolescentes da educação básica*. São Paulo: UNESCO/MEC, 2014.

ABREU, C. N. *Teoria do apego: fundamentos, pesquisas e implicações clínicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

ALMEIDA, C. G. M.; ALMEIDA-VERDU, A. C. M.; CAVALCANTE, M. R. *Descrição de contingências durante a leitura de histórias e o comportamento de crianças: um estudo exploratório*. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, p. 558-578, dez. 2016.

ÁVILA, R. R. *Histórias infantis como um contexto para o reforçamento positivo do comportamento verbal vocal de crianças pré-escolares*. Universidade de Brasília. 2006. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9220/1/2006_RaquelRamos%C3%81vila.pdf. Acesso: 27 maio 2020.

BERNIER, A. *From external regulation to self-regulation: early parenting precursors of young children's executive functioning*. In: *Child Development*. 2010; 81(1): 326-339.

BOLSONI-SILVA, A. T.; LOUREIRO, S. R. & MARTURANO, E. M. Comportamentos internalizantes: associações com habilidades sociais, práticas educativas, recursos do ambiente familiar e depressão materna. 2016; *Psico*, 47(2), 111-120.

BRAGA, G. [et al]. Crianças e o conhecimento de si próprias a partir de histórias infantis. *Revista de Enfermagem da UFSM*. 2015; 5(2): 327-338.

BRASIL, MEC, Base Nacional Comum Curricular – BNCC, versão aprovada pelo CNE, novembro de 2017. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf%20Acesso%20em%202017/03/18>. Acesso em: 15 jun. 2020.

CARVALHO, A. [et al]. *Manual para a promoção de competências socioemocionais em meio escolar*. Lisboa: DGS, 2016.

CONTE, F. C. de S.; BRANDÃO, M. Z. da S. *Falo ou não falo? Expressando sentimentos e comunicando ideias*. Londrina: Mecenias, 2007.

DAMÁSIO, A. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FALLOON, I. R. H. Expressed emotion: current status. *Psychological Medicine*. 1988, 18(2): 269-274.

FELÍCIO, J.; ALMEIDA, D. Abordagem terapêutica às famílias na reabilitação de pacientes internados em hospitais psiquiátricos: relato de experiência. São Paulo: *O Mundo da Saúde*, 2008; 32(2): 248-253.

FUENTES, D. [et al]. *Neuropsicologia: teoria e prática*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

GONÇALVES, A.; SENA, R. A reforma psiquiátrica no Brasil: contextualização e reflexos so-

bre o cuidado com o doente mental na família. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. 2001; 9(2): 48-55.

GONDIM, S.; MORAIS, F.; BRANTES, C. Competências socioemocionais: fator chave no desenvolvimento de competências para o trabalho. *Revista Psicologia: Organização e Trabalho*. 2014; 14(4): 394-406.

GUEDES, A. S. M. Avaliação do impacto da perturbação mental na família e implementação de um programa psicoeducacional. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Porto: 2009

GUTIERREZ, D.; MINAYO, M. C. Produção de conhecimento sobre cuidados da saúde no âmbito da família. *Ciencia & Saúde coletiva*: 2010; 15(1): 1497-1508.

LEVAV, M. Neuropsicología de la emoción. *Revista Argentina de Neuropsicología*. 2005; (5): 15-24.

LEZAK, M.; HOWIESON, D.; BIGLER, E.; TRANEL, D. *Neuropsychological assessment*. 5. ed. Oxford University Press, Inc, 2012.

MARTIN, G.; PEAR, J. *Modificação de comportamento: o que é e como fazer*. 8. ed. Roca, 2009.

MELO A. I. M. T. *Emoções no período escolar: estratégias parentais face à expressão emocional e sintomas de internalização e externalização da criança* (Tese de Mestrado). Universidade do Minho, 2005.

MORENO, V.; Alencastre, M. A trajetória do portador de sofrimento psíquico. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. 2003; 37(2): 43-50.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D.; OLDS, S. W. *O mundo da criança: da infância à adolescência*. 11. ed. McGraw-Hill, 2009.

RUDOLPH, K.; DAVIS, M. M.; MONTI, J. D. Cognition–emotion interaction as a predictor of adolescent depressive symptoms. *Developmental Psychology*. 2017; 53(12): 2377–2383.

RUEDA, M. R.; PAZ-ALONSO, P. Função executiva e desenvolvimento emocional. In: *Enciclopédia sobre o Desenvolvimento Infantil na Primeira Infância*. 2013.

SANTOS, F. [et al]. Construindo histórias: promovendo o desenvolvimento cognitivo e da linguagem na primeira infância através da leitura de livros infantis. *Sinapse Múltipla*. 2017; 6(1): 60-65.

SCIVOLETTO, S.; BOARATI, M. A.; PANTANO, T. *Psiquiatria da Infância e Adolescência*. Cuidado Multidisciplinar – HC-FMUSP. Manole, 2016.

SILVA, M. A.; FELÍCIO, J.; CAMARGO, C. Atendimento psicológico à família. In: SERAFIM, A. C.; SAFFI, F.; YOKOMIZO, J. *Psicologia hospitalar em psiquiatria*. 1.ed. São Paulo: Vetor, 2017. Cap. 13, p. 285-307.

VASCONCELOS, L. A. *Interpretações analítico-comportamentais de histórias infantis para utilização lúdico-educativas*. Publicação Humanidades em foco: Revista de Ciência, Educação e Cultura, v. 3, p. 1, 2005.

WEBER, L. *Eduque com carinho: para pais e filhos*. 4. ed. Curitiba: Juruá, 2012.

ORGANIZADORAS

TELMA PANTANO

Fonoaudióloga e Psicopedagoga do Serviço de Psiquiatria Infantil do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (IPq-HCFMUSP). Vice-coordenadora do Hospital Dia Infantil do Instituto de Psiquiatria do HCFMUSP e especialista em Linguagem. Mestre e Doutora em Ciências e Pós-doutora em Psiquiatria pela FMUSP. Master em Neurociências pela Universidade de Barcelona, Espanha. Professora e Coordenadora dos cursos de Neurociências e Neuroeducação pelo Centro de Estudos em Fonoaudiologia Clínica.

CRISTIANA ROCCA

Psicóloga Supervisora do Serviço de Psicologia e Neuropsicologia, em atuação no Hospital Dia Infantil do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (IPq-HCFMUSP). Mestre e Doutora em Ciências pela FMUSP. Professora Colaboradora na FMUSP e Professora nos cursos de Neuropsicologia do IPq-HCFMUSP.

AUTORAS

GIOVANA ORSI

Psicóloga pela Universidade Estadual Paulista – campus de Bauru (UNESP), possui especialização em Neuropsicologia aplicada à neurologia infantil pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (FCM-UNICAMP) e especialização em Neuropsicologia no contexto hospitalar pelo Programa de Aprimoramento Profissional, Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade Estadual de São Paulo (IPq-HCFMUSP). Foi colaboradora durante dois anos e meio do Hospital Dia Infantil do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (IPq-HCFMUSP) no grupo de Estimulação das Habilidades Socioemocionais.

REJANE LOBO ANTUNES SMITH

Psicóloga pela Universidade Paulista (UNIP); possui especialização em Neurociências aplicada a reabilitação, pelo Instituto Neda-Brain, Brasil-Alemanha; em Saúde Mental, pela Universidade São Francisco em Bragança Paulista; Mediadora pelo Ministério Público de São Paulo; Especialização Multidisciplinar em Psiquiatria Infantil e Adolescência: Formação em Saúde Mental pelo Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HCFMUSP). Pesquisadora do Hospital Dia Infantil do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (IPq-HCFMUSP) no grupo de Habilidades Socioemocionais.

ALISON MORRONI

Pedagoga pela Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR), especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Anhanguera, em Alfabetização e Letramento, pelo Instituto Superior de Educação da América Latina (ISAL) e em Neuroeducação, pela Universidade Mozarteum (FAMOSP) e Centro de Estudos em Fonoaudiologia (CEFAC). Especialização Multidisciplinar em Psiquiatria Infantil e Adolescência: Formação em Saúde Mental pelo Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HCFMUSP). Colaboradora e pesquisadora do Hospital Dia Infantil do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (IPq-HCFMUSP) nos grupos de Estimulação das Funções Executivas, Habilidades Socioemocionais e Raciocínio Lógico.

LÍVIA DE CASTRO ROCHA

Psicóloga pela Faculdade Santo Agostinho, Piauí; especialista em Psiquiatria Infantil e Adolescência: Formação em Saúde Mental pelo Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HCFMUSP). Pesquisadora do Hospital Dia Infantil do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (IPq-HCFMUSP) nos grupos de Habilidades Socioemocionais e Treino em Reconhecimento de Emoções.